



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

SAMARA SILVA SILVEIRA

**ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO (ECR): EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS DE
UMA VERSÃO REDUZIDA**

FORTALEZA

2013

SAMARA SILVA SILVEIRA

**ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO (ECR): EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS DE
UMA VERSÃO REDUZIDA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para aprovação na Disciplina de Monografia em Psicologia.

Orientador:
Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos

FORTALEZA

2013

SAMARA SILVA SILVEIRA

ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO (ECR): EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS DE UMA
VERSÃO REDUZIDA

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Departamento de Psicologia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
para aprovação na Disciplina de Monografia
em Psicologia.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Walberto Silva dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dra. Catarina Nívea Bezerra Menezes
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Prof^a Ms. Andréa Carla Filgueiras Cordeiro
Universidade Federal do Ceara-UFC

*Aos meus pais, Irismar e Odécio, e à minha
querida irmã, Sâmia.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida concedida e pelas forças restauradas quando estas pareciam não existir mais.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai pelo amor incondicional e pelo grande incentivo dado aos meus estudos, sacrificando-se em diversos momentos para que eu tivesse a melhor qualidade de ensino, mostrando-se orgulhosos pelas minhas conquistas, apoiando-me em meus planos, me dando bronca quando necessário e ensinando, todos os dias, que os valores, a humildade, a honestidade, o bom caráter e o respeito ao próximo devem guiar as nossas condutas.

À minha querida irmã que, mesmo distante, mostra-se presente nos principais acontecimentos da minha vida e, desde sempre, tornou-se meu exemplo e uma fonte de inspiração na busca do meu crescimento profissional e pessoal. Deposito nela um grande orgulho.

Ao meu orientador e grande amigo, Prof^o Walberto Silva dos Santos, que tornou possível a produção dessa monografia, mostrando-se paciente aos meus questionamentos e à minha própria impaciência em querer terminá-la logo. Obrigada por todo o seu carinho, palavras de conforto, elogios, compreensão, lealdade, preocupação com meu futuro, companheirismo e por todo o tempo que dedica a mim.

Ao Laboratório Cearense de Psicometria – LACEP, pelas dúvidas esclarecidas, pelo aprendizado adquirido, por ter me recebido de braços abertos em todas as confraternizações, planejamentos e reuniões extras.

Ao Prof^o Dr. Valdiney Veloso Gouveia, coordenador do Bases Normativas do Comportamento Social – BNCS, por ter cedido seus bancos de dados e tornando minha monografia mais completa e aprofundada.

Ao Prof^o Ms. Antônio Maia Olsen do Vale, pela pronta ajuda em ler e avaliar o conteúdo escrito sobre Análise do Comportamento.

Às minhas queridas amigas Marina Soares, Lara Rodrigues, Sylvia Ulisses, Emanuela Possidônio, Tauanaiara Nogueira, Mariana Oliveira, e a todos os outros amigos que me acompanharam nesses 5 anos de alegrias, superações, angústias e, principalmente, conquistas.

Por fim, obrigada à minha banca avaliadora, Prof^a Andréa Carla Filgueiras Cordeiro e Prof^a Catarina Nívea Bezerra Menezes, pela disponibilidade de tempo empregado na leitura e avaliação do meu trabalho.

“Como ciumento sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo de sê-lo, porque temo que meu ciúme machuque o outro, porque me deixo dominar por uma banalidade: sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum”.

Roland Barthes

RESUMO

Esta monografia teve como objetivo principal propor uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (ECR). Para fins específicos, buscou-se verificar a qualidade psicométrica do instrumento, observando o poder discriminativo e a homogeneidade dos itens e explorar sua estrutura fatorial e consistência interna. Para tanto, foram executados dois estudos específicos. O *Estudo I*, de natureza exploratória, analisando os índices de validade e precisão do instrumento, além do poder discriminativo e da homogeneidade dos itens. Nesta parte, contou-se com uma amostra, não probabilística, de 301 pessoas da população geral da cidade de João Pessoa-PB, com idades variando entre 18 e 72 anos ($m = 29,5$; $dp = 11,58$), a maioria do sexo feminino (54,2%) e católica (56,8%). Como pré-requisito, os participantes deveriam estar envolvidos em um relacionamento igual ou superior a três meses. Dessa forma, alguns se declararam casados ou em união estável (41,2%), separados ou viúvos (5,6%) e solteiros (53,2%). Entre os solteiros, separados e viúvos, 62,5% indicaram estar em um namoro firme, 22,2% em um relacionamento casual e 15,3% noivos. No *Estudo II* foram efetuadas análises fatoriais confirmatórias, comparando distintos modelos da estrutura fatorial da ECR. Sua amostra não probabilística foi composta por 281 pessoas da população geral da cidade de Fortaleza - CE. Estas apresentaram idades entre 18 e 59 anos ($m = 24,1$; $dp = 7,09$), sendo a maioria do sexo feminino (51,6%), heterossexual (86,7%) e católica (51,4%). Quanto ao estado civil ou tipo de relacionamento, 14,3% se declararam casados ou com união estável, 40,7% em namoro firme e 45% solteiros. Os participantes do *Estudo I* responderam a *Escala de Ciúme Romântico* (ECR) e ao *Questionário de Valores Básicos* (QVB), enquanto no *Estudo II* foram aplicados, além da ECR, a *Escala Tetragonal do Amor* (ETA), o *Questionário de Satisfação da Vida* (QSV) e a *Escala de Liberalismo e Conservadorismo Sexual* – (QLCS), além das perguntas sociodemográficas. No entanto, em ambos os estudos, foi considerado apenas a Escala de Ciúme Romântico (ECR) para análise dos dados. Os resultados do primeiro estudo apoiaram a adequação psicométrica deste instrumento e as análises exploratórias indicaram uma estrutura de sete (Critério de Guntman-Kaiser) e três fatores (Critério de Cattell e Critério de Horn). No *Estudo II*, a fim de sanar possíveis dúvidas acerca das estruturas encontradas, realizou-se análises fatoriais confirmatórias, em que se observou o modelo de dois fatores com melhores índices de ajuste. No entanto, os resultados da estrutura de três fatores também a tornam passível de utilização, como proposto por seus autores. As implicações destes achados foram discutidas com base na literatura de referência, indicando as limitações dos estudos realizados e sugerindo-se, inclusive, pesquisas futuras.

Palavras-Chave: Ciúme, ECR, Instrumento, Validade, Precisão.

ABSTRACT

This monograph had as its main objective to propose a reduced version of Romantic Jealousy Scale (RJS). For specific purposes, we sought to verify the psychometric quality of the instrument, observing its discriminative strength/power and the homogeneity of the items and to explore its factorial structure and internal consistency. In order to achieve that, two specific studies were carried on. *Study I* had an exploratory approach, analyzing the accuracy and validity indexes of the instrument, in addition to the discriminative power and the homogeneity of the items. This portion relies on a sample, non-probabilistic, of 301 individuals of the general population of the city of João Pessoa-PB, Brazil, whose ages ranged from 18 and 72 years old ($m = 29,5$; $dp = 11,58$), the majority of them being females (54,2%) and Catholics (56,8%). As a pre-requisite, the participants had to be involved in a relationship of three months or longer. That said, some declared themselves to be married or in cohabitation (41,2%), separated or widowed (5,6%) and single (53,2%). Amongst the singles, separated and widowed, 62,5% declared to be in a serious relationship, 22,2% in a casual relationship and 15,3% engaged. *Study II* developed confirmatory factorial analysis, comparing different models of the factorial structure of the ECR. Its non-probabilistic sample was comprised by 281 individuals from the general population of the city of Fortaleza-CE, Brazil. The participants' ages ranged from 18 and 59 years old ($m = 24,1$; $dp = 7,09$), the majority of them being females (51,6%), heterosexual (86,7%) and Catholic (51,4%). As far as the marital status or relationship type, 14,3% declared themselves to be married or in cohabitation, 40,7% in a serious relationship and 45% single. The participants of *Study I* responded to the *Romantic Jealousy Scale* (RJS) and to the *Basic Values Questionnaire* (BVQ), whereas in *Study II*, in addition to the RJS, the following instruments were also applied: *Love Tetragonal Scale* (LTS), *Life Satisfaction Questionnaire* (LSQ) and *Sexual Liberalism/Conservadorism Scale* (SLCS), as well as the sociodemographic questions. Nevertheless, in both studies, only the *Romantic Jealousy Scale* (RJS) was taken into consideration for data analysis. The results of the first study gave support to the psychometric suitability of this instrument and the exploratory analysis indicated an structure of seven (Guntman-Kaiser's Criterion) and three factors (Cattell and Horn's Criterion). In *Study II*, in order to clarify likely doubts about the structures found, confirmatory factorial analysis were carried on and models of two factors with better adjustment indexes were observed by such analysis. Yet the results of the structures of three factors also make it suitable for utilization, as proposed by its authors. The implications of these findings were discussed based on the reference literature, indicating the limitations of the studies developed and even suggesting future research.

Key-Words: Jealousy, RJS, Instrument, Validity, Accuracy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Representação do comportamento emocional ciumento.	31
Figura 2. Representação gráfica dos valores próprios da ECR	53
Figura 3. Estrutura bifatorial da Escala de Ciúme Romântico	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Comparação entre as visões multidimensionais do ciúme.	37
Tabela 2. Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da ECR	52
Tabela 3. Análise paralela para os itens da ECR	54
Tabela 4. Estrutura Componencial da Escala de Ciúme Romântico (ECR).	55
Tabela 5. Comparação dos modelos fatoriais da Escala de Ciúme Romântico (ECR).	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MARCO TEÓRICO.....	17
2.1 TEORIAS EXPLICATIVAS DO CIÚME.....	21
2.1.1 A Psicologia Evolucionista.....	22
2.1.2 Psicologia Social-Cognitiva	23
2.1.3. <i>Interpretação do ciúme pela Análise do Comportamento</i>	26
2.2 CIÚME ROMÂNTICO E CIÚME PATOLÓGICO.....	31
2.3 INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO DO CIÚME	34
2.3.1. <i>Chronic and Relationship Jealousy Scale</i>	35
2.3.2. <i>Interpersonal Jealousy Scale - IJS</i>	36
2.3.3. <i>Multidimensional Jealousy – MJS</i>	36
2.3.4. <i>Forced-Choice Measure</i>	39
2.3.5. <i>JIS - Jealousy Induction Scale</i>	41
2.3.6. <i>Inventário de Ciúme Romântico</i>	43
2.4. ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO (ECR).....	45
3. ESTUDO I – ECR: AVALIANDO SUA ESTRUTURA FATORIAL	48
3.1. MÉTODO.....	49
3.1.2. <i>Amostra</i>	49
3.1.3. <i>Instrumentos</i>	49
3.1.4. <i>Procedimentos</i>	50
3.2. RESULTADOS	51
3.3. DISCUSSÃO	56
4. ESTUDO II – ECR: COMPROVANDO SUA ESTRUTURA FATORIAL.....	59
4.1 MÉTODO	60
4.1.1 <i>Amostra</i>	60
4.1.2 <i>Instrumentos</i>	60
4.1.3 <i>Procedimentos</i>	62
4.1.4 <i>Análise dos Dados</i>	62
4.2 RESULTADOS	63
4.3 DISCUSSÃO	66
5. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
ANEXOS	81

1. INTRODUÇÃO

O ciúme é uma emoção natural como o medo, a tristeza ou a alegria (BARONCELLI, 2011; HART; LEGERSTEE, 2010; PARROT, 1991). Relatado em diversos contextos, desde os tempos mais remotos, sua compreensão varia de acordo com a época (BARONCELLI, 2011; ALMEIDA, 2007). De fato, trata-se de um tema antigo, recorrente, que carrega consigo uma intensidade emocional e cuja interferência pode atuar de forma efetiva nos relacionamentos humanos. Etimologicamente a palavra ciúme deriva do latim “*zelumen*” e do grego “*zelosus*”, fazendo, originalmente, referência a um sentimento de cuidado e zelo para com o outro (CARDOSO, DALCO; BANDELI, 2003; FERREIRA-SANTOS, 2003). Entretanto, é preciso observar que, sob a ótica psicopatológica, tal sentimento pode assumir um caráter negativo (TORRES; RAMOS; CERQUEIRA, 1999). Com efeito, em excesso, o zelo se converte em uma forma possessiva, suprimindo o caráter positivo da afeição e tornando o ciúme um sentimento de insegurança, egoísmo, prepotência e temor.

Não obstante as tentativas para oferecer uma definição de ciúme, sua conceitualização operacional e precisa não é simples, pois, em função do número expressivo de demarcações, cada autor enfatiza ou acrescenta um aspecto que não é abordado por outro, o que dificulta a obtenção de um consenso. Parrot (1991), Hart e Legerstee (2010), por exemplo, sugerem que o ciúme é frequentemente visto como uma mistura de emoções que, diferente da raiva, da tristeza, do medo ou da felicidade, não pode ser facilmente reconhecido por meio de expressões faciais ou outras manifestações corporais. Ferreira-Santos (2003) aponta que, melhor do que categorizá-lo como um sentimento, seria abordá-lo como um *estado*, que surge em situações específicas (“sentir ciúmes”) ou como uma *qualidade*, quando predomina no dia-a-dia (“ser ciumento”), pois o ciúme envolve um complexo de pensamentos, ações e outros sentimentos que ameaçam a estrutura tanto física quanto a psíquica das pessoas envolvidas. Pfeiffer e Wong (1989), por sua vez, complexificam o ciúme ao considerá-lo multidimensional, caracterizando-o como uma emoção composta por componentes cognitivos, emocionais e comportamentais.

Para estes autores, o ciúme é expresso sempre que o indivíduo, envolvido em algum relacionamento interpessoal (familiar, amoroso, fraternal ou laboral), sente-se ameaçado e tem medo de ter essa relação excluída da sua vida. Segundo Parrot (1991), essa ameaça deve envolver, necessariamente, a possibilidade de perda da relação para um *rival*. Esse relacionamento não precisa ser amoroso e nem o rival ser, exclusivamente, uma pessoa, mas o que está presente no contexto da emoção é o envolvimento de um triângulo, no qual os

personagens principais são: o ciumento, o “objeto” amado e o rival. Estes aspectos diferenciam o ciúme da inveja, que surge em meio a uma díade, em que o indivíduo invejoso procura destruir os planos e realizações dos desejos do outro (HART; LEGERSTEE, 2010; PARROT, 1991).

Diante da relevância do tema e das polêmicas que o fenômeno gera, é possível encontrar facilmente relatos acerca do mesmo em panoramas artísticos, em obras literárias, assim como em distintas pesquisas empíricas. No âmbito artístico, por exemplo, o ciúme foi retratado em clássicos da literatura mundial como *Othello*, de William Shakespeare, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *Ana Karenina*, de Leon Tostói, destacando-se na literatura brasileira nos escritos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

No campo forense, aparece relacionado aos crimes passionais. Predominantemente cometido por homens, o crime passional é caracterizado pelo atentado a vida de outrem, quando praticado em razão de relacionamento sexual ou amoroso (ELUF, 2007). O Código Penal Brasileiro (BRASIL, 2007) não exclui a culpabilidade das pessoas que, movidos por tais motivos, cometem atos contra a vida (Art. 28, inciso I). Contudo, mediante a comprovação de que, ao tempo da ação, o agente se encontrava alheio às suas funções normais e sem condições de avaliar suas condutas como ilícitas, o ato pode ser atenuado, viabilizando, inclusive, a absolvição do réu ou favorecendo a sua semi-imputabilidade, com base no artigo 121 do Código Penal. Segundo o primeiro parágrafo desse artigo, “se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob domínio de *violenta emoção*, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço”.

Neste campo, em geral, a dificuldade reside em reunir provas que corroborem as alegações dadas pelo sujeito ativo do crime, sobretudo, quando se referem à injusta provocação feita pela vítima. Outra possibilidade de alcançar absolvição ou condenação a penas brandas de muitos criminosos passionais também pode ocorrer com a tese da Legítima Defesa da Honra, na medida em que o Código Penal evidencia nos Arts. 138, 139 e 140 a honra como um direito pessoal e intransferível. Contudo, há controvérsias quanto à sua utilização e um número significativo de operadores do direito a contestam, quando empregada para tal fim. Dessa forma, descartando-se tais possibilidades, o motivo do crime passional pode ser caracterizado como torpe ou fútil, agravantes que qualificam o homicídio e aumentam a pena de reclusão do réu (ELUF, 2007; ENGEL, 2000; MAZZUCHELL; FERREIRA, 2007).

Na Psiquiatria, o termo *ciúme patológico* é empregado quando há uma preocupação excessiva com uma possível infidelidade do parceiro(a), normalmente, baseada em evidências infundadas (KINGHAM; GORDON, 2004). Tal denominação abarca diversas manifestações, que vão das reativas e delirantes aos sintomas do transtorno obsessivo-compulsivo (COBB; MARKS, 1979), do alcoolismo crônico (MICHAEL *et al*, 1995) ou de outro transtorno mental como a demência e a esquizofrenia (FERREIRA-SANTOS, 2003; TORRES; RAMOS-CERQUEIRA; DIAS, 1999). Discernir o momento exato que caracteriza o ciúme como doença se torna complicado a partir do momento em que ele não possui parâmetros fixos. Entretanto, o sofrimento que causa ao indivíduo é capaz de anunciar quando ele deixa de ser normal e passa a ser doentio. A Síndrome de Otelo, por exemplo, apesar de rara, atinge principalmente homens e se apresenta como um clássico modelo de ciúme psicótico em que há predominância de delírios de infidelidade associados a oscilações de agressividade, hostilidade e irritabilidade (FAMUYIWA; EKPO, 1983).

Na Psicologia, a literatura de referência é abrangente e diferentes teorias já foram criadas na tentativa de explicar a importância e a influência dessa emoção no comportamento dos indivíduos (ALMEIDA, 2007). O pensamento freudiano sobre ciúme o apresenta como um estado emocional normal (semelhante ao luto), não completamente racional e com origens no Complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual. (FREUD, 1922). No campo analítico-comportamental, por outro lado, o ciúme é visto como interações complexas entre comportamentos respondentes e operantes. Com base nisso, parece pertinente considerar que um padrão comportamental de “sentir ciúmes” seria instalado e mantido por exposição a distintos esquemas de reforçamento, além de outros processos comportamentais como generalização e seguimento de regras (COSTA, 2009; COSTA 2005).

Sob a ótica da Psicologia Evolucionista, o ciúme se constitui como um fator adaptativo para a reprodução e a perpetuação genética da família, agindo funcionalmente no sentido de preservar uma relação afetiva perante uma ameaça. Ainda sob esta perspectiva, é possível encontrar enfoques nas diferenças psicológicas existentes entre o ciúme de homens e de mulheres (BUSS; 2000). Em contraste, a Psicologia Social Cognitiva se destaca por analisar o ciúme com base nas percepções disparadas por eventos externos (crenças) e nas interpretações dadas pelos homens e pelas mulheres a cada tipo de infidelidade (sexual ou emocional) (DESTENO; SALOVEY, 1996; HARRIS; CHRISTENFELD, 1996).

De fato, além de científico, histórico e literário, abordado muitas vezes em poesias que retratam um final feliz, o ciúme é, como aponta Costa (2005), um fenômeno atual e frequente, muitas vezes associado à violência doméstica e a casos de homicídios. Além disso,

trata-se de um tema constante no ambiente clínico cuja importância amplia a necessidade de novas pesquisas empíricas. Neste sentido, torna-se cada vez mais relevante oferecer suporte às práticas terapêuticas e aos interessados acerca do tema referenciais teóricos empiricamente embasados. Isso demanda, fundamentalmente, a utilização de instrumentos de mensuração válidos e precisos, cuja adaptação leve em conta os contextos nos quais serão utilizados.

Na literatura estrangeira, é possível encontrar algumas escalas que buscam mensurar o ciúme. Entre os mais tradicionais e frequentemente utilizados, encontram-se: a *Chronic Jealousy Scale* (WHITE, 1980); a *Interpersonal Jealousy Scale – IJS* (MATHES; SEVERA, 1981); a *Multidimensional Jealousy Scale* (PFEIFFER; WONG, 1989); a *Forced-Choice Measure* (BUSS, 1992); e, mais recentemente, a *Jealousy Induction Scale* (MATTINGLY; WHITSON; MATTINGLY, 2012). Apesar da relevância e uso comum desses instrumentos em pesquisas internacionais, não foram encontrados registros das suas utilizações dentro do contexto brasileiro.

No Brasil, é possível encontrar algumas publicações que abordam, sob diferentes perspectivas, o construto ciúme; nesse campo, a psicanálise parece predominar. No entanto, uma busca nas bases de dados Google Acadêmico (2012) e Index Psi (2012), usando como entrada os termos “escala”, “ciúme”, “ciúme romântico”, “instrumento”, “questionário” e “medida”, permitiu observar que ainda são escassos artigos que envolvem a construção e/ou validação de instrumentos de mensuração do ciúme, tanto em sua manifestação não patológica como patológica, apesar do fato de que alguns instrumentos podem não ter sido encontrados por essa revisão. Entre os poucos citados na literatura nacional, encontram-se o Inventário de Ciúme Romântico (CARVALHO; BUENO; KEBLERIS, 2008) e a Escala de Ciúme Romântico (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994). Deve-se também levar em consideração que muitas referências são de teses e dissertações não publicadas ou de trabalhos apresentados em congressos, que são trabalhos de difícil localização.

Sem deixar de reconhecer a importância desse e de outros instrumentos para avaliação do ciúme, na presente monografia o ciúme foi operacionalizado por meio da Escala de Ciúme Romântico (ECR). Essa escolha se pauta, fundamentalmente, na pressuposição de que alguns dos comportamentos relacionados ao ciúme podem sofrer variações em função do contexto regional, sugerindo a necessidade de que medidas desta natureza sejam submetidas a processos de revisão. Neste caso, optou-se pela ECR pela mesma ter sido construída e validada em um contexto análogo ao de Fortaleza, além de replicada por outros estudos que puderam aferir alguns de seus parâmetros psicométricos em diferentes regiões. (ALMEIDA, 2007; MONTEIRO, 2006; BELO *et al*, 2002). Além disso, faz-se cada vez mais necessário,

para facilitar a realização de pesquisas com amostras maiores e diversificadas, que os instrumentos autoaplicáveis sejam mais parcimoniosos, envolvendo um menor número de itens (BUUNK; HUPKA, 1987; GOSLING; RENTFROW; SWANN JR., 2003;).

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo principal apresentar uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (ECR). De modo específico, pretende-se conhecer seus parâmetros psicométricos (validade e precisão), identificando sua estrutura fatorial, observando seus índices de consistência interna Para atingir tal objetivo, estruturou-se o estudo em três partes. A primeira envolve uma revisão da literatura, estando subdividida em três seções: (1) apresentação de diferentes teorias psicológicas que buscam explicar o ciúme; (2) distinção entre ciúme-romântico e patológico; (3) instrumentos que visam mensurar esse construto. A segunda parte envolve dois estudos empíricos: o *Estudo I*, que procura analisar os itens originais da escala, considerando as compatibilidades observadas no estudo original, verificar o poder discriminativo e a homogeneidade dos itens, explorando sua estrutura fatorial e consistência interna (Alfa de Cronbach); e o *Estudo II*, que busca analisar a versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico, testando, com base na literatura da área, diferentes estruturas (modelos) fatoriais e avaliando o modelo que melhor se ajusta aos dados. Na última parte, os resultados e sua discussão serão expostos, sendo seguidos pela conclusão do estudo.

2. MARCO TEÓRICO

Como mencionado, o ciúme é um fenômeno estudado sob a ótica de diferentes saberes. De fato, Nunes (2006) afirma que essa experiência sempre existiu nas relações amorosas, embora com noções e *status* diferentes, de acordo com as características peculiares das relações sociais estabelecidas em cada tempo e espaço. É possível observar também que, diante da literatura mundial, o verbete ciúme traz consigo um conceito de difícil compreensão, na medida em que transmite ideias diferentes para cada pessoa. Em muitos casos, os autores sugerem que o ciúme é um sentimento, mas também associam as emoções (FERREIRA-SANTOS; 2007). Tendo em vista que os termos “sentimento” e “emoção” divergem no seu significado, para uma compreensão mais satisfatória do construto ciúme, faz-se necessário distingui-los. Segundo Ferreira-Santos (2007), sentimento é uma resposta afetiva mais duradoura, podendo assumir graus de intensidade leve, moderado ou alto; a emoção, por outro lado, surge abruptamente, de forma muito intensa, com curta duração, estando sempre acompanhada de outros fenômenos fisiológicos, como taquicardia, sudorese e/ou falta de ar.

Segundo Costa (2009), a falta de consenso acerca do conceito de ciúme deriva dos diferentes pensamentos que atravessaram a história da civilização humana. Para essa autora, desde a época de Aristóteles (384-322 a.C), os teóricos adotam uma visão particular acerca do que realmente seria esse construto. Nas sociedades mais remotas, das quais se tem registros, o indivíduo, assim como a sua subjetividade, era subordinado às decisões e necessidades coletivas a fim de garantir a “sobrevivência” da tribo. As regras, crenças e motivações de cada um eram pautadas no âmbito da coletividade, inclusive, suas condutas acerca do amor. Assim pouca ou nenhuma importância era dada às ligações emocionais particulares e, conseqüentemente, falar de ciúme até certa época da história pode ter pouco sentido (NUNES, 2006).

Sob a ótica dos filósofos clássicos, Aristóteles (384-322 a.C) em sua obra *Ética a Nicômaco* (323 a.C), aborda o ciúme como uma “nobre inveja”, referindo-se ao desejo de imitar ou possuir algo de bom que é característico de outra pessoa. Para ele, as paixões, em si, não são boas nem más, mas cabe à razão refreá-las quando se afastam de um ponto intermediário e passam a se tornar perigosas (VIEIRA, 2008). Por sua vez, tendo como base os pressupostos dicotômicos entre corpo e espírito predominantes na cultura grega, Platão (428-327 a.C) retrata a hierarquização da racionalidade sobre os prazeres da carne, onde o corpo simbolizaria as paixões e os instintos, e o homem deveria arcar com o “domínio de si”, sem se deixar sucumbir às suas próprias paixões (NUNES, 2006). Ainda na sociedade greco-romana, Ferreira-Santos (2007) aponta que os deuses da mitologia grega eram ciumentos entre si e, apresentando o mito de Eros, Afrodite e Psiquê, indica como o ciúme estava

explícito nessa cultura. Apesar de nítida a diferença entre os deuses do Olimpo e os seres humanos, os sentimentos tanto negativos quanto positivos eram compartilhados por ambos. O ciúme era manifestado como um motivador das histórias desses deuses e suas relações com os mundanos, estando desassociado do amor e mais ligado à inveja, à desconfiança e à competitividade (FERREIRA-SANTOS, 2003, NUNES, 2006).

Nos escritos bíblicos, são diversas as passagens que fazem referência ao ciúme (CORÍNTIOS 3:3, CÂNTICO DOS CÂNTICOS 1-8, DEUTERONÔMIO 6:15, ROMANOS 13:13). No Antigo Testamento, no Pentateuco, no livro de Êxodo, Deus é descrito como Aquele que zela pelo seu povo, mas que, em troca, exige exclusividade na devoção dos homens (ÊXODO, 20:4-6). Paulo, em Gálatas (GÁLATAS 5:16-25), declara que o homem deve se deixar conduzir pelo Espírito, pois os desejos da carne são opostos a Este, e apresenta uma longa lista de pecados da carne, entre eles o ciúme. Finalmente, no Livro dos Números (NÚMEROS 5:11-31), a “Lei sobre o ciúme” descreve o processo pelo qual o homem ciumento submete a sua esposa, tendo esta se desvirtuado do marido ou não. Trata-se de procedimentos humilhantes, onde o marido terminará sem culpa, mas a esposa “*pagará a pena da sua iniquidade*” (NÚMEROS 5:31).

De acordo com Ferreira-Santos (2003), somente nos primeiros séculos da era romana os casamentos previamente “negociados”, entre as famílias passaram a incluir, além dos já existentes aspectos financeiros, as qualidades pessoais dos pretendentes, o consentimento mútuo dos noivos e a consumação da relação sexual como fatores importantes na regulamentação do casamento. Durante esse período, enfatizou-se o respeito entre os cônjuges na medida em que a monogamia e os afetos deveriam ser respeitados. Contudo, pedia-se tolerância às mulheres em situações que ocorressem relações extraconjugais. Dessa forma, uma atitude ciumenta apresentava-se condenável ao sexo feminino e justificável quando cometido pelos homens (NUNES, 2006). Em contraposição, durante todo o apogeu do Império Romano, persistindo também sobre a sua decadência, tornaram-se evidentes os escritos de Ovídio (43 a.C – 23 d.C), em sua expressiva obra “*A Arte de Amar*”, os quais retratavam a infidelidade, o ciúme e os jogos sensuais. (FERREIRA-SANTOS, 2003)

Na Idade Média (séc V - XV), a Igreja Católica detinha o controle da palavra escrita e censurou os relatos sobre sentimentos mundanos como o amor e o ciúme por longas datas, ressurgindo apenas com os escritos de trovadores e poetas do Sul da França do século XII, que trouxeram a ideia de amor cortês e apresentaram homens ciumentos como heróis literários ao defender a honra de suas esposas fiéis (HART; LEGERSTEE, 2010; FERREIRA-SANTOS, 2003; NUNES, 2006). Entretanto, há registros de que esse “amor

delicado” compunha mais o aspecto literário da época do que o vivencial, pois a Inquisição, movimento propagado pela Igreja, considerava o amor apaixonado significado de bruxaria e cobiça carnal, apresentando-se como uma ameaça às doutrinas desta Instituição. (NUNES, 2006)

Seguindo a linha histórica, o Renascimento (1350 – 1650) foi marcado por profundas transformações e rupturas com antigas estruturas medievais. Neste sentido, a visão antropocêntrica atribuída a este período e, simultaneamente, o enfraquecimento da Igreja Católica na medida em que sua doutrina estava abalada pela Reforma Protestante (Séc. XVI), possibilitou uma valorização da independência do indivíduo. De acordo com Ferreira-Santos (2003), nesse período, o ciúme era considerado um protetor da integridade familiar e desempenhava o papel de preservar a honra, colocando de lado as vantagens pessoais em prol dos princípios éticos e morais.

Com o advento do Iluminismo (Sec. XVII - XVIII), movimento cultural contra o poder da Igreja e mobilizador do poder da razão, grandes pensadores como René Descartes (1596 – 1650) e La Rochefoucauld (1613 – 1680) apresentavam suas compreensões sobre o ciúme. Descartes afirmava que tal sentimento seria um “medo relacionado ao desejo de se preservar a possessão”, enquanto o nobre Rochefoucauld lhe dava um tom mais melancólico: “o ciúme contém mais amor-próprio do que verdadeiramente o amor”. Logo após, David Hume (1711 – 1776) traz a concepção de que as paixões devem estar submetidas à razão, deixando de tratá-las como meras reações para considerar as suas origens com objetivos certos e intencionais (FERREIRA-SANTOS, 2003).

Nos séculos XIX e XX, duas revoluções não-violentas transformaram o comportamento e pensamentos humanos até então vigentes: a Revolução Industrial e a Revolução Sexual. A visão individualista incorporada ao desenvolvimento fabril coincidiu com o movimento literário romântico, que propunha a liberdade individual, inclusive nas escolhas amorosas (NUNES, 2006). Através da revolução sexual, a mulher, historicamente submissa, passa a exigir direitos de cidadania e igualdade entre os sexos, permitindo uma ampliação da consciência da individualidade. (FERREIRA-SANTOS, 2003)

Finalmente, a vida amorosa contemporânea potencializa as conquistas dos direitos civis adquiridos. Atualmente, atravessadas pela lógica capitalista de mercado, as relações interpessoais, sejam elas econômicas, sociais, culturais ou amorosas, sofreram mudanças consideráveis desde a antiguidade até os dias contemporâneos. A modernidade líquida, assim chamada por Bauman (2001), permite um maior fluxo de informações, uma pluralidade de opções e a instabilidade de categorias que antes eram vistas como estáveis e sólidas. Na

tentativa de se adaptar a essa diluição das certezas coletivas que, ao mesmo tempo em que limitavam os indivíduos também lhes davam segurança, os homens passaram a valorizar e a se arriscar num ambiente de incessantes opções e de cunho individualista (NUNES, 2006). Assim, as relações interpessoais seguem o mesmo caminho e o “amor eterno e insubstituível” pode ser descartado em busca de outra relação que proporcione mais satisfação, prazer e menos esforço (BAUMAN, 2004). Neste contexto, Baroncelli (2011, p.167) afirma que:

o ciúme das relações amorosas contemporâneas pode representar a circunstância na qual a insegurança toma a cena a dois e o relacionamento se transforma numa empresa conflitiva e arriscada na qual a confiança é justamente uma das questões mais difíceis de serem resolvidas. Assim, num mundo tão aberto em que a continuidade do relacionamento amoroso é somente uma possibilidade dentre outras, a desconfiança do ciumento pode ser uma estratégia de esquiva diante da ansiedade despertada por um mundo lançado ao arriscado reino da opção.

Por meio do exposto, pode-se constatar a diversidade de papéis que o ciúme ocupou desde a antiguidade. No Brasil, os estudos sobre esse tema ainda são escassos, talvez por se tratar de um país pautado sob uma cultura católica ou judaico-cristã, que concebe o ciúme como parte do amor, e ainda não avaliou de fato o impacto que esse fenômeno pode ter nas relações sociais e a importância de estudá-lo com mais aprofundamento (FERREIRA-SANTOS, 2003; HART; LERGESTEE, 2010). Dessa forma, a maioria das teorias psicológicas que procuram explicar as manifestações de ciúme advém de publicações inglesas, que adotam uma postura contrária em relação ao ciúme, tratando-o como um sentimento/emoção ofensivo à individualidade do outro. Diante de todas as mudanças e questionamentos de ordem sexual e afetiva que foram vivenciados e transformados desde a antiguidade, diversos autores (BUSS *et al*, 1992; DESTENO *et al*, 2006; SAGARIN *et al*, 2003) tem procurado entender esse conceito e, principalmente, a sua manifestação e a função que exerce em homens e mulheres. Dessa forma, parece pertinente apresentar, ainda que de forma rápida, as principais teorias acerca do ciúme, inclusive, a que embasará a presente monografia.

2.1 Teorias explicativas do ciúme

De acordo com Costa (2005) os estudos sobre ciúme apresentam muitas controvérsias, a começar pela própria definição do fenômeno. Apesar de haver um consenso entre os autores da presença universal do ciúme entre as culturas, tais debates, em geral, giram em torno de problemas que envolvem a distinção e os limites entre ciúme patológico e

normal, o papel de estruturas filogenéticas e culturais, e as diferenças entre os sexos. Tendo como base as problemáticas supracitadas, neste capítulo procurar-se-á, sem desprezar as contribuições importantes de sistemas como a psicanálise, Gestalt ou outras abordagens e áreas do conhecimento que também busquem compreender o ciúme, contemplar três das perspectivas teóricas mais citadas para explicar os fatores envolvidos na origem do ciúme e nas funções que ele pode exercer no comportamento humano. Neste sentido, será tratada a seguir a perspectiva da Psicologia Evolucionista, representada principalmente por autores como David Buss, Leda Cosmides e John Tooby; a Psicologia Social-Cognitiva, na qual tem como maiores pesquisadores Christine Harris, Susan Folkman e Richard Lazarus; e, por fim, buscar-se-á realizar uma breve apresentação das contribuições da Análise do Comportamento na compreensão do comportamento de sentir ciúmes.

2.1.1 A Psicologia Evolucionista

A Psicologia Evolucionista ou Psicologia Evolutiva (PE) não se trata de um subcampo da Psicologia, como a Psicanálise, a Análise do Comportamento ou o Humanismo, mas sim de outra forma de compreensão dos fenômenos psicológicos, fundamentada na antropologia, na biologia evolutiva, nas neurociências e na ciência cognitiva (COSMIDES; TOOBY, 2000). De acordo com essa perspectiva, homens e mulheres são caracterizados por componentes mentais e fisiológicos que surgem por seleção natural devido a ocorrência de sucessos reprodutivos em nossos ancestrais (BUUNK *et al*, 2011), além de contribuir para a solução de problemas adaptativos e regular outros comportamentos selecionados (COSMIDES; TOOBY, 2000). Neste caso, considerando que um relacionamento duradouro aumenta a probabilidade de sobrevivência dos indivíduos envolvidos e de seus descendentes, supostamente, o ciúme surge para alertar o casal e prevenir que o companheiro(a) abandone a relação (BUUNK *et al*, 2011).

De acordo com Buss e Haselton (2005), no decorrer da década de 1980, os principais psicólogos da época buscavam explicar o ciúme como este sendo uma patologia, um produto do capitalismo ou, simplesmente, uma construção social, na qual homens e mulheres manifestavam tal sentimento de forma idêntica. No entanto, a Psicologia Evolucionista defende que esse fenômeno existe como fator adaptativo, sendo, dessa forma, inato e estimulado perante a existência de uma ameaça ao relacionamento, funcionando para protegê-lo de um desgaste parcial ou total. Além disso, a hipótese central desses autores leva em consideração que tanto os aspectos fisiológicos quanto os psicológicos desencadeados

pelo ciúme diferem entre os gêneros, devido aos distintos problemas adaptativos que homens e mulheres enfrentaram durante a evolução humana.

Embora ambos os sexos sejam afligidos pela infidelidade sexual e emocional, os psicólogos evolucionistas afirmam que o homem seria mais afetado pela ameaça de uma infidelidade de caráter sexual, enquanto o sofrimento feminino estaria mais relacionado à construção de laços emocionais do seu parceiro com outra pessoa (BUSS *et al*, 1992; BUSS; HASELTON, 2005; DESTENO *et al*, 2002; GRICE; SEELY, 2000; KENNAIR *et al*, 2011; SAGARIN *et al*, 2003).

Neste sentido, Sagarin *et al* (2003) buscou avaliar a influência de outras variáveis importantes na explicação de diferenças e paridades na manifestação do ciúme entre homens e mulheres. Os resultados da pesquisa indicaram que os níveis de ciúmes variaram em homens que já haviam vivenciado uma situação de infidelidade anterior, tornando-os mais vigilantes, mas que as diferenças entre homens e mulheres desaparecem quando a orientação sexual da infidelidade era posta em questão. Ou seja, os autores sugerem que, como o ciúme está substancialmente ligado a questões reprodutivas, quando o risco da concepção é impossível, como no caso de relações homossexuais, as diferenças nas manifestações do ciúme não se aplicam. De acordo com a perspectiva evolucionista, isso se justifica na medida em que o ciúme é desenvolvido pelo sexo masculino a fim de reduzir os riscos de sua parceira engravidar de um rival, enquanto que, nas mulheres, o ciúme tem como função afastar a possibilidade de seu parceiro querer procriar com outras mulheres e, assim, retirar as gratificações e proteção para com ela e seus filhos. Tendo como base essa compreensão, quando a infidelidade não carrega consigo o risco da concepção, o ciúme é considerado qualitativamente equivalente em ambos os sexos.

2.1.2 Psicologia Social-Cognitiva

Sob a perspectiva social-cognitiva, o ciúme é considerado como uma discreta emoção, uma mistura de diversas emoções ocorrendo simultaneamente, ou, ainda, uma série de diferentes emoções eliciadas por mudanças nas interpretações que possam ocorrer no seguimento de um episódio de ciúme (HARRIS, 2000). Alguns autores enfatizam que o aspecto cognitivo representa um importante papel no processo de desenvolvimento do ciúme, além de sugerir que esta emoção emerge a partir da interpretação dada pelo indivíduo às diferentes ameaças que possam existir à relação amorosa, e não, como propõe os pesquisadores evolucionistas, somente a infidelidade sexual ou emocional. Nesta perspectiva,

as formas de expressão diante de tal ameaça dependem da maneira como cada indivíduo elabora cognitivamente a experiência, sem deixar de considerar a influência dos aspectos culturais sobre os significados elaborados (HARRIS, 2003; MATHES, 1991; PARROT, 1991; WHITE, 1981c).

No campo social cognitivo, ainda não há consenso acerca das diferenças dos níveis de ciúme entre homens e mulheres, tanto na faceta sexual quanto emocional desse construto. Geralmente, nessa perspectiva, os estudos não enfatizam esse tipo de contraste; exceções podem ser encontradas em autores como Desteno e Salovey (1996), que apresentam o que se conhece como hipótese do duplo-disparo (*double-shot hypothesis*). De acordo com essa hipótese, homens e mulheres, quando questionados sobre qual tipo de infidelidade (sexual ou emocional) lhe afeta mais, tendem a responder com base na avaliação que fazem do poder preditivo do tipo de infidelidade. Nessa perspectiva, segundo Desteno e Salovey (1996), tal avaliação se dá, por exemplo, porque ao considerar que envolvimento emocional aumenta a probabilidade de ocorrência da infidelidade sexual, os homens tendem a confessar que esta última os afeta mais, ainda que essa análise não seja consciente. Portanto, como os dois eventos não são independentes, ambos os sexos se afetam sem distinção frente à situações de infidelidade sexual e emocional.

Estes pesquisadores nomeiam como implicação de infidelidade diferencial (*Differential Infidelity Index - DII*) a probabilidade de uma infidelidade interferir na outra. Esse indicador pode ser calculado através dos valores obtidos de uma escala Likert de 5 pontos, subtraindo o resultado do julgamento dado pelos participantes acerca do quanto a Infidelidade Sexual implica a Infidelidade Emocional, do valor da avaliação do quanto a Infidelidade Emocional interfere na Infidelidade Sexual. Encontrando-se um valor positivo, infere-se que os indivíduos acreditam que a Infidelidade Emocional implica mais em Infidelidade Sexual, sendo o valor negativo indicativo de que os participantes dão maior veracidade à situação oposta (DESTENO; SALOVEY, 1996).

Devido o ciúme estar bastante correlacionado às questões de infidelidade no relacionamento, a maioria dos pesquisadores utilizam instrumentos ou descrições de cenários que envolvem situações de infidelidade, confiando que estes, conseqüentemente, propiciam uma avaliação dos níveis de ciúme manifestados pelos participantes dos estudos. No estudo de Desteno e Salovey (1996), por exemplo, com o objetivo de comprovar a hipótese do *double-shot*, a partir de uma avaliação dos achados de Buss *et al* (1992), os resultados indicaram que tanto os homens quanto as mulheres selecionaram o tipo de infidelidade que teria maior probabilidade de interferir na outra, corroborando com a hipótese apresentada.

Além disso, nas duas amostras que foram utilizadas para o estudo, o número de mulheres que mostraram acreditar que a infidelidade emocional implica em infidelidade sexual foi significativamente maior do que o número de homens. Não foram encontradas evidências de que o sexo exerce qualquer influência direta na escolha que os participantes fazem entre infidelidade emocional ou sexual. Essa relação encontrada por Buss *et al* (1992) foi identificada pelos pesquisadores como um erro, pois o sexo está correlacionado com as percepções de não-independência desses dois tipos de infidelidade e são essas percepções que influenciam na seleção que o indivíduo faz.

Por sua vez, Harris (2003); Harris e Christenfeld's (1996) também corroboram com a ideia dos autores supracitados e nomeiam sua hipótese como dois-para-um (*two-for-one hypothesis*). Elas complementam a teoria, explicando que a diferença que pode vir a existir entre os gêneros reside na forma em que homens e mulheres interpretam as evidências que possuem da traição. Para tais autoras, os homens tendem a escolher a Infidelidade Sexual como pior na medida em que deduzem que as mulheres só mantêm relações sexuais com outro homem quando estão emocionalmente envolvidas com esse homem. Conseqüentemente, a Infidelidade Sexual acaba implicando em uma infidelidade emocional. No que se refere às mulheres, estas acreditam que os homens são capazes de fazer sexo sem estarem apaixonados. Dessa forma, a infidelidade sexual, não necessariamente, implica em uma infidelidade emocional. No entanto, elas acreditam que, quando um homem está apaixonado por outra mulher, ele, provavelmente, mantém relações sexuais com essa parceira, sendo por esse motivo que a Infidelidade Emocional é escolhida como a que provoca maior sofrimento ou perigo, ao se tratar do sexo feminino.

Harris (2000), ao criticar a “teoria evolutiva do ciúme”, passa a utilizar em seus artigos a expressão “ciúme como um módulo inato específico”, ou simplesmente JSIM (*Jealousy Specific Innate Module*), dada pelos psicólogos evolucionistas. Segundo essa autora, esse termo é inapropriado, pois o fato questionado se refere aos mecanismos psicológicos inatos e de domínio específicos que são modelados no decorrer do desenvolvimento da mente humana e que, por isso, fazem homens e mulheres responderem de maneira diferente aos dois tipos de infidelidade, não se tratando, dessa forma, de evolução propriamente dita.

O debate entre a Psicologia Evolucionista e a Psicologia Social-Cognitiva transcende os conceitos usados por uma ou outra. Isto é, para Harris (2003), a JSIM tem em sua teoria limitações que dificultam uma compreensão mais ampla acerca do ciúme. Primeiramente, a autora argumenta que, apesar de serem encontradas diferenças, estas não se

expandem a casais homossexuais. Outra observação realizada afirma que a teoria sobre o ciúme proposta pelos psicólogos evolucionistas está inserida em um contexto muito específico, sem levar em consideração que esta é uma emoção que pode ocorrer entre irmãos, amigos, etc.

Em suma, de acordo com as hipóteses *double-shot* e *two-for-one*, o tipo de ciúme, ou seja, ciúme sexual ou ciúme emocional, não depende do sexo do indivíduo, mas sim do sexo do parceiro(a) e das percepções que o sujeito possui dessa pessoa. Se há a predominância de uma ideia semelhante sobre homens e mulheres, independente da sua orientação sexual, todos que estiverem envolvidos com pessoas do sexo feminino devem mostrar um alto nível de ciúme sexual, assim como todos os que estiverem envolvidos com pessoas do sexo masculino, apresentar maiores pontuações em ciúme emocional (DEBRUINE; KEMMELMEIER; BURNSTEIN, 2001). Ao se contrapor à teoria evolucionista acerca do ciúme, a perspectiva social-cognitiva procura suprir algumas lacunas desta doutrina, compartilhando uma visão que coloca a cognição desenvolvendo um importante papel na manifestação do ciúme, além de enfatizar a importância da interpretação dos diferentes estímulos ameaçadores (HARRIS, 2003; MATHES, 1991; PARROT, 1991; SALOVEY; ROTHMAN, 1991; WHITE, 1981c).

2.1.3. Interpretação do ciúme pela Análise do Comportamento

É comum pensar que estados e processos internos são entidades ou forças responsáveis por causar os comportamentos, e as emoções/sentimentos¹ são bons exemplos disso (FERREIRA *et al*, 2010; SANT'ANNA, 2003; THOMAZ, 2012). Algo do tipo “eles brigaram porque ela estava com ciúmes” não é uma afirmação rara de se ouvir. Ao abordar sentimentos e emoções, Skinner (1974) os trata enquanto fenômenos comportamentais (privados), de forma que eles podem e devem ser analisados como frutos de relações entre o organismo e o ambiente, sendo explicados pelo modelo de seleção por consequências como parte de um processo de relações funcionais. Tal modelo leva em consideração que o comportamento ocorre em interação com outros eventos que também fazem parte do contexto, devendo analisá-lo de acordo com fatores biológicos, ontogenéticos e culturais. Assim, as ações emocionais deixam de estar limitadas aos comportamentos respondentes, tornando-se

¹ Em suas obras, Skinner, por vezes, utiliza emoção e sentimento como sinônimos e, em outras, os diferencia. Como o objetivo aqui é fazer referência, principalmente, à subjetividade do indivíduo, por ora, esses termos serão usados como sinônimos.

possível o reconhecimento de outras condições ambientais que eliciam tais respostas, pois estas podem ocorrer de forma operante, cercada por prescrições e qualificações culturais, contribuindo com uma visão mais consistente da análise do comportamento (BARBOSA; MARQUES, 2012).

O comportamento seria para Skinner uma interação entre o organismo (bases filogenéticas) e seu ambiente (histórico e imediato). Trata-se de um modelo explicativo que consistiria em processos de variação e seleção, atuando conjuntamente três níveis distintos de contingências: filogênese, ontogênese e cultural (CARVALHO-NETO; TOURINHO, 1999). Neste sentido, para uma melhor compreensão do comportamento humano, faz-se necessária uma introdução a esses níveis, que busca explicar por meio de suas interações como e o porquê de um indivíduo agir de determinada forma.

Skinner (1981) construiu a ideia da filogênese a partir dos referenciais evolutivos de Darwin, sendo neste nível em que se investiga a pressão que o ambiente fez/faz sobre os indivíduos de uma espécie, selecionando os comportamentos que contribuem para a manutenção da saúde, na promoção da sobrevivência e na reprodução da espécie. Trata-se, portanto, de uma série ou história de eventos decorrentes de um longo período de tempo, que possibilita a criação de um organismo sensível a determinados aspectos críticos do ambiente, contribuindo para o acesso do indivíduo a reforçadores vitais como água, comida e contato sexual. Darwich e Tourinho (2005) afirmam que a carga genética dos indivíduos não consegue acompanhar as mudanças que ocorrem nos diferentes ambientes, fato que contribui para que os indivíduos busquem alternativas para a sua sobrevivência em um ambiente constantemente em transformação. Assim, os mecanismos selecionados neste primeiro nível permitem a aquisição de novas respostas, possibilitando que o repertório comportamental do indivíduo seja ampliado.

O condicionamento operante é o segundo tipo de seleção por consequências. Assim como os reflexos e outros padrões inatos de comportamento evoluem porque elevam as garantias de sobrevivência da espécie, os comportamentos considerados operantes se fortalecem por serem seguidos de consequência importantes para o indivíduo (SKINNER, 1953/2003). Os operantes passam pelos mesmos processos de seleção e variabilidade que ocorrem no primeiro nível, mas, diferenciam-se deste por caracterizarem um nível (ontogenético) marcado por uma história de reforçamento individual, em que ocorrem processos que possibilitam a existência de seres que agem de forma diferente, mesmo quando integram uma mesma espécie.

Por sua vez, o nível chamado cultural denomina a terceira possibilidade de perspectiva de investigação no modelo de seleção por consequências e nele se tenta compreender como práticas coletivas nascem, reproduzem-se e morrem. Para Darwich e Tourinho (2005), o indivíduo usufrui da aprendizagem de outros ao participar de grupos sociais e tem a condição de superar as limitações que existem quando as relações são estabelecidas somente com o ambiente próximo à sua existência direta.

Por conseguinte, na perspectiva behaviorista, o ciúme pode ser explicado levando em consideração a interação dos três níveis de seleção por consequência, sem necessitar recorrer a aspectos e processos internalistas. De acordo com Costa (2005), o ciúme é formado por uma ampla classe comportamental que pode ser compreendido tanto pela forma como se manifesta como pela sua funcionalidade. Além disso, também se pode considerar o ciúme como parte de eventos privados, assim chamados devido a um dos estímulos ou uma resposta presentes nas relações serem privados, isto é, possuem reduzidas condições de observação por outrem. Obviamente, trata-se de um fenômeno complexo em que ocorrem interações entre comportamentos respondentes e operantes, havendo a necessidade de observar em conjunto as múltiplas funções dos estímulos e a alteração de toda a relação entre organismo-ambiente. (THOMAZ, 2012; TOURINHO, 2005, 2010). Nesta interação, o condicionamento reflexo buscaria explicar as reações fisiológicas sentidas pelo indivíduo que descreve estar com ciúmes, enquanto o condicionamento operante permitiria a compreensão de como se estabelece a relação entre esses eventos e o que o indivíduo faz quando está diante dessa situação, assim como por que o faz (COSTA, 2005).

Costa (2009), em sua tese de doutorado, organizou a evolução do pensamento skinneriano acerca do ciúme. A autora afirma que Skinner, em sua obra "*Walden Two*", sugere que o ciúme é um sentimento que pode ser compreendido como uma forma secundária de raiva e que existira apenas em sociedades competitivas. Já em "*Contingências de Reforço*" o autor faz a sua análise do ciúme a partir da obra de Shakespeare, Othello, apontando que a emissão de uma resposta emocional operante pode ocorrer em conjunto a outras respostas emocionais, corroborando com a ideia anteriormente apresentada de que os eventos privados, em sua maioria, são produtos de interações entre comportamentos respondentes e operantes.

Em busca de análises mais contemporâneas, Menezes e Castro (2001 *apud* COSTA, 2009) trazem a seguinte definição de ciúme baseada nos princípios behavioristas:

um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de consequências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma manifestação de ciúme (p.20).

As autoras destacam que o ciúme surge perante uma situação ameaçadora da perda de um importante reforçador. A partir dessa sinalização, comportamentos para evitar essa perda podem ser evocados e, se surtem efeitos positivos, são reforçados. Portanto, levando em consideração a singularidade das situações e dos casos que surgem, a análise funcional pode indicar diferentes esquemas de reforçamento presentes na instalação e na manutenção do comportamento de “sentir ciúmes”, além de outros processos como a generalização, a imitação e os conjuntos de regras sociais (COSTA, 2005).

Costa (2005, 2009) e Costa e Romariz (2010) apontam a importância que os três níveis de seleção por consequências desempenharam no desenvolvimento do ciúme ao longo da evolução da civilização. Os indivíduos, através da seleção natural, desenvolveram vantagens adaptativas para garantir os processos de reprodução e sobrevivência da espécie. Dessa forma, no nível filogenético, o ciúme pode ter sido selecionado por ter trazido benefícios para a espécie humana na defesa de um território, por exemplo.

Sobre isso, faz-se importante a colocação de que os autores aqui estudados sob a perspectiva analítico-comportamental parecem adotar uma visão peculiar sobre o ciúme, considerando-o, inicialmente, com um componente inato. Isto é, assim como na psicologia evolucionista, consideram que este sentimento tenha tido uma função adaptativa até ter sido modelado pelas contingências e sofrido variações em sua forma e função. No entanto, cabe ressaltar que se trata de uma visão particular e que as discussões nesse campo ainda se encontram abertas e incipientes no Brasil.

Apesar de a Análise do Comportamento indicar que as análises funcionais das relações comportamentais levem em consideração os níveis filogenético, ontogenético e cultural, pode-se afirmar que nem todos os comportamentos têm componentes genéticos, pois há aqueles que são puramente aprendidos e influenciados socialmente (andar de bicicleta, dirigir, entre outros). Além disso, as autoras utilizam uma definição para ciúme baseada em um “diagnóstico sindrômico”, como chamado por Hayes *et al* (1996). O debate sobre a possibilidade de padronização e generalização dos comportamentos ainda é forte e não há um consenso. Esse tipo de diagnóstico leva em consideração as topografias das respostas emitidas por vários sujeitos para, assim, poder tratar de um sinal ou sintoma. A classificação funcional defendida por esses autores, não considera, de início, as características topográficas de um

comportamento, mas sim a organização funcional em que os comportamentos e suas classes estão inseridos, de forma que se faça possível pensar nas variáveis que os produzem e os mantêm (HAYES *et al*, 1996). No caso do ciúme, deve-se analisar qual a função deste sentimento para um indivíduo e verificar as variáveis que o controlam para, só assim, poder afirmar se são, de fato, decorrentes de um medo da perda de reforçadores ou decorrentes de algum outro motivo.

Neste sentido, deve-se reconhecer que as emoções humanas, assim como o ciúme, também possuem um componente ou base social (PINES; ARONSO, 1983). Portanto, torna-se plausível pensar que outros processos estão envolvidos no controle e manutenção de tal fenômeno. Os comportamentos operantes, produtos do nível ontogenético, são fortalecidos por serem seguidos de consequências importantes para o indivíduo. Um sujeito denominado ciumento poderia ter tido seu comportamento instalado por reforçamento positivo na medida em que, ao demonstrar ciúmes, seu(a) parceiro(a) lhe dissesse que o(a) ama e que não há motivos para preocupações, apontando, por exemplo, suas qualidades. No caso de uma contingência de reforçamento negativo, o indivíduo que apresenta um padrão comportamental de sentir ciúmes, sempre que o parceiro(a) recebe telefonemas de outro(a) homem/mulher, seria reforçado quando este(a) passasse a evitar atendê-los ou pedisse para que não lhe ligassem novamente. Além desses casos, os processos de imitação, generalização e regras sociais se fazem presentes quando a cultura impõe, em certa medida, que o “ciúme é uma prova de amor”. Desta forma, ao emitir comportamentos ciumentos, o indivíduo se esquia de possíveis punições dos grupos sociais (e até do próprio parceiro) por não apresentar um padrão comportamental esperado de ciúme nas relações amorosas. (COSTA, 2005; COSTA, 2009; PINES; ARONSO, 1983).

É importante destacar a relevância que o comportamento verbal e, conseqüentemente, a cultura tem no reconhecimento do sentimento ciúme pelo próprio indivíduo. Tourinho (1995) afirma que a discriminação de estímulos está condicionada a uma relação entre os diferentes estímulos ambientais. Embora o comportamento operante possa ser descrito sem se fazer menção a qualquer estímulo que aja antes de a resposta ocorrer (SKINNER, 1981), os operantes adquirem certa conexão entre os eventos anteriores, que passarão a *signalizar* a ocasião em que há disponibilidade de reforço. Da mesma forma ocorre com os eventos privados. O indivíduo passa a emitir comportamentos ciumentos, por exemplo, a partir do momento em que *discrimina* um estímulo interno. Para tanto, é necessário que o indivíduo interaja com uma cultura (comunidade verbal) que irá ensiná-lo a nomear tais eventos como ciúme. Diante disto, com o objetivo de que o indivíduo entenda e

conheça o que sente, é preciso que ele elabore um relato verbal à comunidade, pois, somente através dessa exposição, torna-se possível o acesso aos seus sentimentos, ajudando-o a nomear e a compreender quais reações fisiológicas e estímulos ambientais que estão envolvidos no sentimento descrito. (TOURINHO, 1995)

Em suma, sob tal perspectiva, pode-se resumir esquematicamente a compreensão do comportamento de sentir ciúmes a partir do seguinte diagrama:

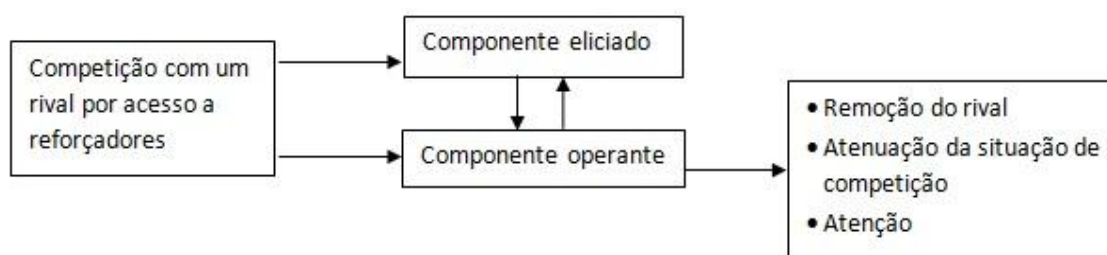


Figura 1. Representação do comportamento emocional ciumento de acordo com Costa (2009).
Relação entre sujeito, objeto e rival.

2.2 Ciúme Romântico e Ciúme Patológico

O limite entre o normal e o patológico sempre foi uma discussão problemática no campo da saúde. A definição e o uso desses termos como diagnóstico apresenta desdobramentos importantes na vida de alguns indivíduos. De acordo com Canguilhem (1978), normal e patológico são qualidades da vida e não implicam, necessariamente, em condições fisiológicas alteradas. O que iria diferenciar essas duas formas seria a abertura a eventuais modificações que estariam presentes no estado saudável e ausente no patológico, oferecendo à doença um caráter conservador. A cura, portanto, poderia estar mais próxima tanto da doença como da saúde, sendo regulada pela capacidade do indivíduo de modificar a norma que define o normal momentâneo, adaptando-a a novas situações quando necessário.

Segundo Almeida (2007), o ciúme pode ter funções protecionistas ou retaliadoras e, quando é manifestado perante um estímulo que aparenta ser desproporcional ao comportamento observado, pode ser considerado como uma psicopatologia. O ciúme preventivo é considerado normal e é algo importante em um relacionamento, pois, em vista à percepção de ameaça à autoestima e/ou à qualidade da relação, o sujeito tende a investir mais no casal e em si mesmo, buscando alternativas saudáveis que visem afastar possíveis rivais.

Para essa complexa organização de pensamentos, sentimentos e ações voltados para a proteção do relacionamento, White (1981a) nomeou de ciúme romântico aquele que se faz presente, especificamente, nas relações amorosas. Segundo Kingham e Gordon (2004) indivíduos sem indícios de transtornos psiquiátricos se tornam ciumentos somente quando se deparam com evidências concretas e estão sempre preparados para modificar suas crenças e reações quando uma nova informação está disponível. Por sua vez, Buss (2000) afirma que uma pessoa pode se tornar ciumenta devido a um conjunto de circunstâncias, que podem variar desde uma instabilidade emocional até situações mais difíceis nas quais o nível de estresse é tão alto que os mecanismos habituais de enfrentamento e adaptação não são mais suficientes para encará-las, entrando, dessa forma, em uma crise.

Embora, de alguma forma, o ciúme patológico também atue como fator protetivo ao relacionamento, ele é caracterizado por uma variedade de pensamentos e emoções irracionais, acompanhados de comportamentos excessivos e inaceitáveis socialmente, no qual o principal tema é a preocupação infundada, obsessiva e exagerada com a infidelidade do companheiro (a). Essas pessoas tendem a ser inflexíveis diante de informações conflituosas, interpretando, a partir de ocorrências irrelevantes, a infidelidade do parceiro (a) como definitiva (KINGHAM; GORDON, 2004). Para ser considerado dentro do nível da patologia, Mullen (1990) apresenta quatro fatores aos quais o ciúme deve estar associado: a) um transtorno mental deve surgir antes ou em paralelo com o ciúme; b) as características do transtorno subjacente coexistam com o ciúme; c) o curso do ciúme doentio esteja intimamente relacionado ao transtorno; d) o ciúme não tenha fundamentos reais.

A expressão “Síndrome de Othello” é muito utilizada na literatura quase como um sinônimo ao ciúme patológico. No entanto, Kingham e Gordon (2004) criticam-na em decorrência de que esse termo sugere uma síndrome unitária e independente. Para os autores, o ciúme doentio deve ser considerado apenas como uma denominação descritiva dos comportamentos apresentados por pacientes portadores de certas psicopatologias, e que podem, inclusive, apresentar diagnósticos psiquiátricos diferentes. Abaixo, encontram-se as formas mais comuns das manifestações do ciúme patológico (FERREIRA-SANTOS, 2007; KINGHAM; GORDON, 2004; MULLEN, 1991; DAILY; WILSON; WEGHORST, 1982).

Delírios. São juízos patologicamente falsos. O paciente em estado de delírio possui plena convicção da infidelidade do seu companheiro (a), sendo quase impossível a modificação do delírio pela experiência objetiva ou por provas explícitas da realidade.

(DALGALARRONDO, 2008). O ciúme delirante é um subtipo do transtorno delirante e, nesse caso, ele existe sem a presença de qualquer outro tipo de psicopatologia e pode ser considerado em sua mais pura forma (DSM IV; CID 10).

Obsessões. Neste caso, pensamentos acerca da infidelidade do parceiro (a) são experienciados como intrusivos e excessivos, e comportamentos compulsivos como, por exemplo, checar as roupas íntimas em busca de sinais de infidelidade podem acompanhá-los. Dentro das classificações psicanalíticas, trata-se de pacientes neuróticos que reconhecem que seus medos são sem fundamentos e, por vezes, sentem-se envergonhados por sua postura, diferenciando-se, assim, do ciúme delirante em pacientes psicóticos (COBB; MARKS, 1979; KINGHAM; GORDON, 2004).

Ideias prevalentes ou sobrevaloradas (overvalued ideas). São pensamentos que, devido à importância afetiva que possuem para o sujeito, passam a predominar. Tais ideias são coerentes, aceitáveis, sustentadas com forte convicção e, geralmente, induzem o indivíduo a agir. Apresenta-se em um grau de distorção da realidade menor que o delírio, podendo ainda ser considerada, a depender do caso, fora dos quadros psicopatológicos. Sua principal característica é o alto grau de emoção ou afeto ao qual está associada e pode, eventualmente, progredir para um delírio verdadeiro (DALGALARRONDO, 2008)

Comorbidades. São raras de ocorrer nos quadros de ciúme patológico. Trata-se de combinações das formas supracitadas. Por exemplo, uma pessoa com transtorno de personalidade paranoide pode ficar extremamente angustiada com suas ideias sobrevaloradas e, então, desenvolver um delírio de infidelidade (KINGHAM; GORDON, 2004).

Perante essas informações, há registros de que o ciúme patológico pode estar associado a alguns transtornos demenciais (SHEPHERD, 1961), aos transtornos neuróticos e psicóticos (COBB; MARKS, 1979; TORRES; RAMOS-CERQUEIRA; DIAS, 1999; DALGALARRONDO, 2008; KOZAK; FOA, 1994), ao uso de substâncias, como álcool ou drogas (MICHAEL *et al*, 1995; MULLEN; MARTIN, 1994) e, à vezes, aos transtornos afetivos quando estes estão acompanhados de sentimentos de autoavaliação. (BISHAY; PETERSEN; TARRIER, 1989; BREITNER; ANDERSON, 1994; DE SILVA, 1997; FAMUYIWA *et al*, 1983; KINGHAM; GORDON, 2004; SHEPHERD, 1961).

Não obstante a relação estabelecida entre ciúme e condição patológica, Pines e Aronson (1983) ressaltam a importância que o ciúme exerce nas relações, afirmando que tal construto é

essencial, pois marca a existência de compromisso entre os envolvidos. Dentre os benefícios citados por esses autores, podem-se destacar que o ciúme

ensina as pessoas a não menosprezar os parceiros, torna o relacionamento mais duradouro, indica o amor pelo parceiro, torna os relacionamentos mais excitantes, possibilita a avaliação do próprio relacionamento, faz o parceiro sentir-se mais desejável. (p.124).

Deste modo, infere-se que o ciúme se apresenta como problema, quando se mostra ausente ou de forma excessiva, já que, no último caso, pode se constituir como um fator destrutivo à relação, causando níveis de sofrimento psíquico ao ciumento.

Com base no exposto, é possível afirmar que os estudos sobre ciúme se tornam relevantes na medida em que tentam esclarecer aspectos ainda obscuros relacionados a esse fenômeno e, cada vez mais, mostram-se necessários para avaliar variáveis que possam indicar níveis extremos de ciúme, ajudando a nortear futuras intervenções e pesquisas. Tipton, Benedictson, Mahoney e Hartnett (1978) afirmam que a carência de pesquisas empíricas sobre o ciúme é em larga escala atribuída à falta de instrumentos de medida, refletindo bem a preocupação psicométrica que norteou grande parte dos pesquisadores dessa temática entre os anos de 1976 e 1982. Segundo Ramos, Yazawa e Salazar (1994), até meados da década de 70, o foco se dava em abordagens teóricas acerca do ciúmem, mas a partir dos anos 1980 se tornou evidente o crescimento da construção de medidas desse construto.

Nessa direção, alguns instrumentos têm como objetivo mensurar o ciúme, considerando apenas aspectos mais normativos e constitutivos, outros buscam abranger características consideradas patológicas, havendo ainda aqueles direcionados a buscar diferenças entre homens e mulheres na maneira em que vivenciam o ciúme (BUSS *et al*, 1992;). No próximo tópico, tendo em vista os objetivos da presente monografia, procurar-se-á apresentar alguns dos principais instrumentos elaborados com o propósito de mensurar o ciúme.

2.3 Instrumentos de Mensuração do Ciúme

Como mencionado na introdução, entre as diversas escalas que objetivam medir o ciúme, encontram-se a *Chronic and Relationship Jealousy Scales* (WHITE, 1981); a *Interpersonal Jealousy Scale – IJS* (MATHES; SEVERA, 1981); a *Multidimensional Jealousy Scale* (PFEIFFER; WONG, 1989); a *Forced-Choice Measure* (BUSS, 1992); e a

Jealousy Induction Scale (MATTINGLY; WHITSON; MATTINGLY, 2012). No Brasil, os estudos que envolvem a medição do ciúme ainda são escassos, como já se destacou, em contexto brasileiro foram encontradas a *Escala de Ciúme Romântico* e, mais recentemente, o *Inventário de Ciúme Romântico*. Neste subtópico, pretende-se realizar uma breve explanação acerca de algumas destas medidas, enfatizando aquela objeto de análise do presente estudo.

2.3.1. *Chronic and Relationship Jealousy Scale*

Esse instrumento foi desenvolvido por White (1981c) em um estudo cujo objetivo foi verificar prováveis correlações positivas entre ciúme romântico e sentimentos de inadequação, dependência no relacionamento, alto grau de envolvimento e exclusividade sexual, e negativa entre autoestima e ciúme romântico.

Apesar de apresentado como uma única medida, o *Chronic and Relationship Jealousy Scale* é a junção de dois instrumentos diferentes: o *Chronic Jealousy Scale* e a *Relationship Jealousy Scale*. Porém, nos estudos encontrados (MATHES; ROTER; JOERGER, 1982; MULLEN; MARTIN, 1994; WHITE, 1981d; 1984), elas costumaram ser utilizadas em conjunto. A primeira escala faz referência à tendência que o indivíduo tem de avaliar a si mesmo como um sujeito cronicamente ciumento, quando envolvido em uma relação amorosa. Algumas questões da escala são: “Você se considera como uma pessoa que fica facilmente enciumada?”²; “Geralmente, quão ciumento (a) você é?”² (tradução nossa). A escala é composta por um total de seis questões de autoavaliação a serem respondidas em um formato de cinco pontos. No estudo original, sua consistência interna apresentou um alfa de 0,81 (WHITE, 1981c).

As seis questões principais integrantes da *Relationship Jealousy Scale* procuram levantar informações sobre a visão que o indivíduo tem acerca de si quanto a ser uma pessoa ciumenta ou não no atual relacionamento em que está envolvido. Entre elas, podem ser citadas: “Comparado com outros relacionamentos que já teve, você é mais ou menos ciumento (a) na sua atual relação com seu parceiro (a)?”³; “Qual a intensidade do seu ciúme no seu atual relacionamento?”³ (tradução nossa). Assim como na *Chronic Jealousy Scale*, é utilizada uma escala de cinco pontos para as respostas. O valor do coeficiente de consistência encontrado no estudo original foi de 0,83 (WHITE, 1981c).

² “Do you think of yourself as a person who can get jealous easily?”; “How jealous a person are you generally?”

³ “Compared to your other romantic relationship, are you more or less jealous in this one?”; “How intense are your feelings of jealousy in your current relationship?”

2.3.2. *Interpersonal Jealousy Scale - IJS*

Sendo uma das medidas mais citadas mundialmente, a IJS foi desenvolvida por Mathes e Severa (1981) com o objetivo de medir o nível de ciúme de homens e mulheres em uma relação heterossexual. Para tanto, na tentativa de operacionalizar o ciúme, os autores o definiram como uma “*emoção negativa resultante de uma ameaça ou perda real do amor para um rival*”⁴ (p. 24, tradução nossa). A construção da escala foi realizada em dois estudos. No primeiro, 84 estudantes envolvidos em um relacionamento participaram do estudo respondendo a 39 itens elaborados a partir da definição dada pelos autores.

As respostas ao questionário são dadas com base em uma escala *Likert* que varia de **1** = *totalmente falso, discordo totalmente* a **9** = *totalmente verdade, concordo totalmente*. Inicialmente, o respondente deveria preencher o espaço em branco que acompanhava cada sentença com o nome do seu (sua) parceiro (a) (ex. *Se _____ for visto com um velho amigo do sexo oposto e apresentar muita felicidade, eu ficaria aborrecido (a)*)⁵, tradução nossa). Após esse procedimento, o participante utilizaria a escala, indicando o quanto concordava ou discordava da sentença apresentada. Na interpretação dos resultados, os escores totais são obtidos através da soma das pontuações dadas aos itens, após inverter as pontuações de sete itens que medem o construto na direção contrária. Deste modo, as pontuações podem variar de 28 a 252 e indicam que, quanto maior, mais elevado é o nível de ciúme.

No estudo realizado, os resultados indicaram 28 itens com cargas fatoriais acima de |0,30|, que passaram a ser usadas na versão final do instrumento. Confirmou-se também sua estrutura unifatorial, apresentando uma consistência interna (alfa de *Cronbach*) de 0,92. Além disso, a escala mostrou correlações positivas e significativas ($p \leq 0,05$) com amor romântico e dependência, em ambos os sexos, e insegurança, nas mulheres.

2.3.3. *Multidimensional Jealousy – MJS*

Juntamente com a *Interpersonal Jealousy Scale*, essa escala possui boa representatividade em pesquisas que tem como objeto de estudo o ciúme (ELPHINSTON; FEENEY; NOLLER, 2011; KNOBLOCH; SOLOMON; CRUZ, 2001; LUCAS; PEREIRA; ESGALHADO, 2012; SOUTHARD; ABEL, 2010.). Trata-se de um instrumento construído

⁴ No artigo original, a sentença está redigida da seguinte forma: “a negative emotion resulting from actual or threatened loss of love to a rival”.

⁵ If _____ were to see an old friend of the opposite sex and respond with a great deal of happiness, I would be annoyed.

no fim da década de 80 por Pfeiffer e Wong (1989) tendo como base os estudos realizados por White (1981) no campo da Psicologia Cognitiva. Para tais autores, o ciúme é multidimensional e uma melhor compreensão acerca desse fenômeno só ocorrerá quando os instrumentos que se propõem a mensurá-lo abordarem os diferentes aspectos que essa complexa emoção envolve.

White (1981a, 1981b, 1981c, 1981d, 1984) afirma que os pensamentos, os sentimentos e as estratégias de *coping* são componentes essenciais do ciúme. Trata-se de um paradigma causal, em que as ações são sequenciadas, ou seja, os componentes cognitivos ocorrem quando o sujeito está consciente de que uma possível ameaça esteja presente em seu relacionamento. Por conseguinte, surgem as emoções negativas que darão origem às estratégias de *coping* e ajudarão o indivíduo a lidar com a situação de ameaça, além de reduzir o componente emocional negativo presente no ciúme.

Pfeiffer e Wong (1989), por sua vez, apesar de adotarem a mesma teoria multidimensional acerca do ciúme, avaliam-na sob uma ótica diferente. Os autores enfatizam em seu modelo elementos que vão além da racionalidade tratada por White. A Tabela 1 esclarece, por meio de uma comparação, os principais pontos confrontados pelos autores à teoria proposta por White.

Tabela 1. Comparação entre as visões multidimensionais do ciúme.

White	Pfeiffer e Wong
Enfatiza os aspectos racionais	Incluem elementos que podem ser vistos como irracionais
Enfatiza a avaliação que o sujeito faz de uma situação <i>real</i>	Atuam sobre as preocupações paranoicas, suspeitas e delírios que o sujeito tem.
Conceitualiza comportamentos ciumentos como estratégias cognitivas usadas para defesa emocional.	Conceitualizam comportamentos ciumentos como medidas protetivas e/ou investigativas quando há uma ameaça (real ou imaginária) à relação é percebida.
Aspectos cognitivos, emoções e comportamentos são sequenciais.	Aspectos cognitivos, emoções e comportamentos ocorrem simultaneamente e podem interagir um com o outro.

Construída a partir de Pfeiffer e Wong (1989).

Dessa forma, a MJS foi construída com o propósito de prover as condições necessárias para avaliar, separadamente, as três dimensões que constituem o ciúme: cognitivo, emocional e comportamental. Além disso, o conteúdo dos itens de cada um desses componentes engloba características do ciúme patológico assim como do ciúme romântico, tornando-se possível a sua utilização para fins de triagem (PFEIFFER; WONG, 1989).

Em sua versão original, o instrumento é constituído por 24 itens que são igualmente divididos nos três fatores supracitados. O objeto de avaliação da parte cognitiva é

acessado se perguntando ao respondente com que frequência ele (ela) experienciam pensamentos preocupantes ou irracionais com o seu (sua) parceiro (a) ou rival (por exemplo, “*Eu suspeito que X esteja se encontrando, em segredo, com alguém do sexo oposto*”⁶, tradução nossa). Para tanto, uma escala que varia de 1 (nunca) a 7 (sempre) foi elaborada para avaliar a prevalência desses pensamentos no participante.

No que se refere à subescala do componente emocional, seus itens descrevem situações que evocam de ciúme (por exemplo, “*X está paquerando com alguém do sexo oposto*”⁷, tradução nossa). Esse conteúdo é acessado por meio da pergunta inicial “*Como você reagiria emocionalmente às seguintes situações?*”⁸ (tradução nossa) e respondida por meio de uma escala do tipo *Likert* que varia de 1 (muito contente) a 7 (muito chateado). Finalmente, o fator comportamental extrai do participante a frequência em que ele (ela) se vê envolvido (a) em atitudes de investigação (“*Eu questiono X sobre suas chamadas telefônicas*”⁹, tradução nossa) ou protetivas (“*Eu digo algo grosseiro sobre alguém do sexo oposto só para ver se X apresenta interesse nessa pessoa*”¹⁰, tradução nossa). A escala utilizada para responder a essas questões é a igual ao do componente cognitivo. A interpretação dos resultados se torna possível com a contabilização da pontuação obtida no questionário. Baixas pontuações em qualquer uma das subescalas indica ciúme dentro das medidas normativas, enquanto que altas pontuações são indicativas de ciúme patológico.

Os proponentes da MJS realizaram três estudos para testar a consistência interna do instrumento, averiguar sua estrutura fatorial e a correlação entre o ciúme, como construto multidimensional, e outras variáveis. Por meio de uma análise de componentes principais com rotação *varimax*, foram encontrados três fatores bem definidos (*cognitivo*: $\alpha = 0,92$ e *eigenvalue* = 7,95; *emocional*: $\alpha = 0,85$ e *eigenvalue* = 3,27; *comportamental*: $\alpha = 0,89$ e *eigenvalue* = 2,82), onde todos os itens saturaram nos fatores previamente esperados. Encontrou-se a existência de uma correlação positiva entre o ciúme emocional e o amor, bem como correlações negativas entre o ciúme cognitivo e o comportamental com o amor (PFEIFFER; WONG, 1989).

Quando comparada com outros instrumentos, a MJS oferece a vantagem de ser uma escala multidimensional, breve, com possibilidades de avaliar níveis patológicos de ciúme e ter uma estrutura parcimoniosa. No entanto, apesar de um número significativo de

⁶ I suspect that X is secretly seeing someone of the opposite sex.

⁷ X is flirting with someone of the opposite sex.

⁸ How would you emotionally react to the following situations?

⁹ I question X about his or her telephone calls

¹⁰ I say something nasty about someone of the opposite sex if X shows an interest in that person.

pesquisadores a utilizarem em suas pesquisas, são constantes as modificações realizadas e, desde o seu desenvolvimento, ainda não houve uma investigação completa e minuciosa acerca da sua validade (ELPHINSTON; FEENEY; NOLLER, 2011). Especificamente, estudiosos tem usado apenas uma ou duas das subescalas do instrumento, modificado e agrupado itens em um único fator, incorporado itens de outras medidas e alterado sua estrutura fatorial. (AFIFI; REICHERT, 1996; GUERRERO, 1998; KNOBLOCH; SOLOMON; CRUZ, 2001; THEISS; SOLOMON, 2006).

Em estudo realizado com amostra australiana (n = 326), tendo como objetivo examinar as características psicométricas da MJS em uma população diferente da original, os resultados encontrados se mostraram semelhantes ao realizado por Pfeiffer e Wong (1989). A estrutura com três fatores da medida foi confirmada, obtendo-se coeficientes de consistência interna de 0,77 para o fator cognitivo, 0,80 para o fator emocional e 0,70 para o fator comportamental. No entanto, a análise dos resultados mostrou como satisfatório, um instrumento constituído por apenas 17 itens (ELPHINSTON; FEENEY; NOLLER, 2011).

Mais recentemente, outro estudo em Portugal buscou apresentar os parâmetros psicométricos da escala, validando-o para a população portuguesa. Os resultados identificaram em uma amostra de 1169 participantes um instrumento com propriedades confiáveis, tendo apresentado bastante congruência com os resultados da escala original em relação a sua consistência interna (0,86 na subescala ciúme emocional, 0,92 na subescala ciúme cognitivo e 0,90 na subescala ciúme comportamental). Da mesma forma que na versão australiana, a escala desenvolvida pelos pesquisadores portugueses sofreu uma redução de itens, sendo finalizada com 18 itens divididos nos mesmos fatores que a versão original. (LUCAS; PEREIRA; ESGALHADO, 2012)

2.3.4. *Forced-Choice Measure*

A versão original deste instrumento foi proposta por Buss *et al* (1992), e é assim denominada por apresentar uma estrutura de avaliação na qual o participante se vê obrigado a optar por apenas uma das situações que lhes são descritas. A *Forced-Choice Measure* foi desenvolvida para comprovar as hipóteses geradas no campo da Psicologia Evolucionista, já anteriormente explanada. Dessa forma, essa medida tem como finalidade principal averiguar as diferenças existentes entre homens e mulheres quando confrontados com dois tipos de infidelidade: a sexual ou a emocional.

Trata-se de um instrumento de breve aplicação em que os participantes devem se imaginar envolvidos em dois cenários distintos. Inicialmente, são dadas instruções às pessoas para que elas pensem em um relacionamento sério que possuem, que já vivenciaram ou que gostariam de experienciar. Posteriormente, é colocada uma situação na qual ela (ele) descobre que a pessoa com quem está seriamente envolvida se encontra interessada (o) por uma (um) terceira (o). A partir daí, o participante do estudo deve avaliar e escolher entre quais das seguintes situações lhe geram mais desconforto ou tristeza:

a) imaginar que seu parceiro(a) desenvolveu um profundo vínculo emocional com essa pessoa;

b) imaginar que seu parceiro (a) teve um momento sexualmente prazeroso com essa pessoa.

Geralmente, os cenários descritos na instrução e os itens para escolha são adaptados pelos pesquisadores que utilizam essa medida nos seus estudos (BUUNK *et al*, 2011; KENNAIR *et al*, 2011; DESTENO *et al*, 2002; WADE; KELLEY; CHURCH, 2012; WADE; FOWLER, 2006; WIEDERMAN; ALLGEIER, 1993; WIEDERAMAN; KENDALL, 1999). No entanto, como a finalidade original de comprovar se há ou não diferenças entre os gêneros na forma em que experienciam o ciúme deve ser mantida, os dilemas (infidelidade sexual x emocional) permanecem semelhantes.

Na pesquisa desenvolvida por Buss *et al* (1992) que deu origem a *Forced-Choice Measure*, os autores realizaram três estudos com enfoques diferentes, porém utilizando-se dos mesmos procedimentos. O primeiro estudo contou com a participação de 202 estudantes universitários e teve como objetivo apenas comparar quantitativamente os dados obtidos por homens e mulheres diante dos cenários apresentados. Os resultados indicaram que, de fato, 83% das mulheres participantes do estudo indicaram ter maiores sofrimentos caso seu parceiro estivesse envolvido emocionalmente com um rival.

Por sua vez, o estudo dois avaliou, fisiologicamente, 22 homens e 33 mulheres estudantes universitários, cada um com participação de duas horas nas sessões laboratoriais. Foram mensurados a pulsação, a atividade muscular e alguns indicadores do sistema nervoso autônomo no momento em que os sujeitos eram levados a formar uma imagem clara dos cenários construídos para essa fase da pesquisa. Os resultados encontrados corroboraram com o primeiro estudo.

Por fim, o terceiro estudo visou replicar os dois primeiros com uma amostra maior a fim de examinar os efeitos que uma experiência sexual prévia exerce sobre por homens e mulheres. Foram 309 participantes (43% homens e 57% mulheres) que responderam ao

mesmo cenário do estudo I, além das perguntas: “*Você já esteve envolvido em um relacionamento sério?*”¹¹ (tradução nossa) e “*Se sim, você mantinha uma vida sexualmente ativa no seu relacionamento?*”¹² (tradução nossa) As respostas a essas perguntas eram dicotômicas (Sim ou Não). Os resultados confirmaram as diferenças encontradas no primeiro estudo e mostraram um forte efeito nos homens que já haviam se envolvido em um relacionamento com presença de atividade sexual ($\chi^2 = 12,29$, $df = 1$, $p < 0,001$). Enquanto que, nas mulheres, os efeitos do relacionamento prévio não foram significantes.

2.3.5. JIS - Jealousy Induction Scale

A JIS é um instrumento que tem o objetivo de avaliar comportamentos deliberados de evocar ciúmes nos parceiros (as) e identificar os diferentes motivos que levam os indivíduos a querer induzir tal emoção. Trata-se de uma medida subdividida em duas partes nas quais a primeira (*Romantic Jealousy-Induction Scale*) contém itens que se referem às estratégias para induzir ciúmes, e a segunda parte (*Motives for Inducing Romantic Jealousy Scale*) é constituída por itens que descrevem os principais motivos utilizados pelos casais para justificar a execução desse tipo de comportamento (MATTINGLY; WHITSON; MATTINGLY, 2012).

De acordo com Mattingly, Whitson e Mattingly (2012, p. 264), indução de ciúme (*induction jealousy*) é um “*processo comportamental estratégico designado para eliciar ciúme ou evocar outro tipo de reação no parceiro no intuito de alcançar um objetivo específico*”.¹³ (tradução nossa) Neste sentido, trata-se de uma configuração complexa de pensamentos, sentimentos e ações (ciúme romântico) que são evocados propositalmente para tornar o companheiro (a) consciente de uma ameaça à sua autoestima ou da qualidade do relacionamento (ciúme reativo), gerando uma percepção real ou imaginária da existência de um rival.

A JIS foi fundamentada a partir de uma pesquisa realizada por White (1980), que buscou obter a mesma compreensão sobre como e o porquê indivíduos se utilizam desse artifício quando envolvidos em um relacionamento sério. O instrumento utilizado nesse estudo foi de caráter qualitativo e as análises compararam as respostas dos respondentes,

¹¹ “Have you ever been in a serious comitted romantic relationship?”

¹² “If yes, was this a sexual relationship?”

¹³ “A strategic behavioral process designed to elicit reactive, romantic jealousy from a partner in order to achieve a specific goal”.

identificando alguns dos motivos pelos quais os parceiros induzem ciúmes um no outro: alcançar poder e controle nas relações, aumentar a autoestima, testar a intimidade e/ou o estabilidade da relação, por vingança (o parceiro (a) também o (a) causou ciúmes) ou porque desejam machucar o companheiro (a). Outras questões emergentes foram organizadas em técnicas que ajudam a induzir ciúme, como conversar sobre relacionamentos anteriores; conversar sobre relacionamentos atuais; se encontrar, flertar ou manter contato sexual com outra pessoa; e mentir sobre a existência de um rival.

As instruções, assim como a estrutura dos itens, foram baseadas na Multidimensional Jealousy Scale (PFEIFFER; WONG, 1989). Como dito anteriormente, Mattingly, Whitson e Mattingly (2012) criaram duas escalas com objetivos específicos. Para a primeira escala (*Romantic Jealousy-Induction*) foram criados 18 itens a partir dos cinco comportamentos globais de induzir ciúmes, encontrados por White (1980). Os participantes deveriam responder a perguntas como “*Eu paquero com outras pessoas na frente de X com o objetivo de lhe causar ciúmes*”¹⁴ (tradução nossa), circulando a resposta mais apropriada para cada item, utilizando-se de uma escala *Likert* de sete pontos, onde **1** = discordo fortemente e **7** = concordo fortemente.

A segunda escala, denominada de *Motives for Inducing Romantic Jealousy*, avalia os motivos utilizados pelos participantes para provocar propositalmente ciúmes nos seus companheiros (as). Para tanto, foram elaborados 23 itens (ex. “*Eu quero que meu parceiro passe mais tempo comigo*”¹⁵, tradução nossa) também fundamentados nos resultados encontrados por White (1980) e outros autores (FLEISCHMANN *et al.*, 2005). As sentenças devem ser respondidas por meio de uma escala do tipo *Likert*, que varia de **1** = discordo fortemente a **7** = concordo fortemente.

Nas análises exploratórias realizadas, foi encontrado um único fator que abrange os 18 itens da escala *Romantic Jealousy-Induction* e explica 66% da variância. Todos os itens apresentaram cargas fatoriais acima de 0,70 e a consistência interna do fator se mostrou significativamente boa, com um alfa de 0,97. Da segunda escala, *Motives for Inducing Romantic Jealousy*, emergiram cinco fatores que, juntos, explicaram 77,7% da variância. Todos os fatores apresentaram consistência interna acima de 0,83 e foram nomeados de:

¹⁴ I flirt with people in front of X in order to make X jealous.

¹⁵ I want my partner to spend more time with me.

estabilidade do relacionamento¹⁶; vingança; poder/control; segurança; e autoestima (MATTINGLY; WHITSON; MATTINGLY, 2012).

Apesar de ter contado com uma amostra reduzida e limitada ao espaço universitário, o instrumento se mostrou consistente, de fácil administração. Com fins voltados não somente para a pesquisa científica, a *Romantic Jealousy Induction Scale* e a *Motives for Inducing Romantic Jealousy Scale* podem ser utilizadas nos domínios clínicos e terapêuticos para identificar os indivíduos que se comportam induzindo ciúmes no parceiro (a) e, então, promover atividades e maneiras de se comportar que sejam mais construtivas, aumentando a qualidade do relacionamento (MATTINGLY; WHITSON; MATTINGLY, 2012).

2.3.6. Inventário de Ciúme Romântico

O Inventário de Ciúme Romântico – ICR (CARVALHO; BUENO; KEBLERIS, 2008) propõe-se a avaliar o ciúme em suas manifestações patológicas e não patológicas. Seu estudo original contou com 577 estudantes universitários da cidade de São Paulo, com idade entre 18 e 35 anos ($m = 22,2$; $dp = 3,2$), sendo 251 homens (43,5%) e 326 mulheres (56,5%). Os participantes responderam o inventário de ciúme romântico, constituído, originalmente, por 60 itens, e um inventário de personalidade baseado no Modelo dos Cinco Grandes Fatores, composto por 64 itens adjetivos. As análises com o ICR indicaram a distribuição dos itens em seis fatores específicos: *Ciúme romântico*, *Não Ciúme*, *Não Agressão*, *Desconfiança*, *Investigação e Insegurança*.

Estes fatores foram extraídos por meio de uma análise de Componentes Principais (PC) com rotação *varimax*, considerando apenas os itens que obtiveram carga fatorial igual ou superior a 0,50 em apenas um fator. O primeiro fator, *Ciúme Romântico*, ($\alpha = 0,89$) reúne nove itens que descrevem as reações de ciúme frente a situações de contato, direto ou indireto, do parceiro com outra pessoa. O segundo, denominado *Não Ciúme* ($\alpha = 0,87$), possui oito itens que retratam situações nas quais o indivíduo não apresenta situações de ciúme romântico. O fator *Não Agressão*, contemplou três itens ($\alpha = 0,76$) e descreve reações opostas às de agressividade, por exemplo, “*Nunca agredi fisicamente alguém que não meu/minha parceiro(a), por problemas no relacionamento*”. O quarto fator ($\alpha = 0,72$), reuniu três itens,

¹⁶ O nome original dado ao fator é *testing/strengthening relationship*. Não foi encontrado um termo que substituísse adequadamente o sentido original passado pela sentença. Portanto, optou-se por “estabilidade” na medida em que o objetivo de se induzir ciúmes no parceiro é testar se a relação é forte o bastante para suportar a influência de terceiros.

envolvendo situações em que o indivíduo reage com desconfiança por não conseguir manter contato com o parceiro (a). O fator *Investigação* também agrupou três itens ($\alpha = 0,62$), retratando comportamentos de investigação em relação ao parceiro(a). O último fator ($\alpha = 0,72$) envolveu dois itens relacionados à insegurança frente ao vínculo afetivo estabelecido no relacionamento. Finalmente, para verificar a possibilidade de reagrupar os seis fatores, Carvalho e seus colaboradores (2008) realizaram novas análises. Os resultados encontrados embasaram a existência de dois fatores gerais, nomeados de *Ciúme* e *Não Ciúme*. Estes apresentaram *eigenvalues* acima de 1,5 e alfas de 0,89 para ambos.

Ainda que o instrumento tenha apresentado bons indicadores de validade, mais da metade dos itens tiveram de ser eliminados para se chegar a propriedades psicométricas satisfatórias, fazendo com que alguns fatores agrupassem um número muito reduzido de itens, prejudicando a representatividade de construto obtida em um estudo de validade de conteúdo. Além disso, dois fatores se constituíram por itens que descrevem reações inversas à ocorrência de ciúme. Seus proponentes, contudo, esperavam que as saturações desses itens fossem dadas em fatores relacionados ao ciúme, mas com carga negativas.

Recentemente, Bueno e Carvalho (2012) realizaram uma revisão do inventário objetivando obter um instrumento com melhores propriedades psicométricas e com fundamentação teórica mais consistente. A medida revisada foi aplicada a 201 estudantes universitários e contou com a modificação e adição de itens, na tentativa de aperfeiçoar a sua estrutura interna. Esperou-se que esses itens representassem aspectos das reações emocionais, cognitivas e comportamentais estudados por Pfeiffer e Wong (1989) na *Multidimensional Scale*, além de fatores que pudessem evidenciar a presença de baixa autoestima, comportamentos de investigação e reações de agressividade. Contudo, os resultados encontrados foram bastante semelhantes aos da escala anterior: os três primeiros fatores com a presença de seis ou sete itens e os outros três fatores com um número reduzido de questões.

Diante destas observações, apesar das evidências acerca da adequação do ICR para fins de pesquisa, a pressuposição de que alguns dos comportamentos relacionados ao ciúme podem sofrer variações em função do contexto regional, sugere a necessidade de que medidas desta natureza sejam submetidas a constantes processos de revisão. Além disso, faz-se cada vez mais necessário, para facilitar a realização de pesquisas com amostras maiores e diversificadas, que os instrumentos autoaplicáveis sejam mais parcimoniosos, envolvendo um menor número de itens (BUUNK; HUPKA, 1987; GOSLING; RENTFROW; SWANN JR., 2003).

2.4. Escala de Ciúme Romântico (ECR)

A Escala de Ciúme Romântico foi originalmente construída em 1994 por Ramos, Yazawa e Salazar, tendo sido o primeiro instrumento desenvolvido no Brasil que teve como foco o ciúme romântico. Seu principal objetivo é mensurar o nível de ciúme romântico presente nos relacionamentos e avaliar a reação das pessoas em face de uma ameaça percebida. O estudo contou com uma amostra de 580 pessoas da população geral, a maioria do sexo masculino (51%), moradores das regiões Nordeste (região do Vale do Paraíba) e Sudeste (Sul Fluminense e Sul de Minas Gerais), com idade média de 25,78 ($dp = 8,4$).

Inicialmente, a escala foi elaborada com o apoio de alguns alunos que cursavam uma disciplina do curso de Psicologia. O papel desempenhado por eles consistia em imaginar situações triangulares de relacionamentos entre pessoas de sexos diferentes e construir itens que representassem circunstâncias que fossem capazes de desencadear ciúme no (a) parceiro (a). Os itens foram apresentados a 30 pessoas da população alvo para uma análise semântica, mostrando-se claros e adequados à proposta. Com base nos critérios previamente estabelecidos, seus proponentes chegaram à versão final composta por 58 itens, construída em duas versões: uma com afirmações destinadas ao sexo masculino e outra ao feminino. As respostas deveriam ser dadas de acordo com uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos, em que 1 significa *discordo completamente* e 5 significa *concordo completamente*.

Acerca da dimensionalidade da ECR, foram identificados, por meio de uma Análise Fatorial dos Eixos Principais, com rotação *oblimin*, três fatores com *eigenvalue* maior do que 1,5. O fator *não-ameaça* é constituído por 25 itens e apresentou um alfa de 0,87. Segundo os proponentes da medida, a *não-ameaça* representa situações em que a presença de uma terceira pessoa entre o casal não é vista como problemática para a relação. O componente *exclusão* reuniu 19 itens ($\alpha = 0,85$) e faz referência à fragilidade e ao enfraquecimento do vínculo formado no relacionamento por conta do esmaecimento do amor de um dos parceiros. Por fim, o terceiro fator, *interferência*, contém 14 itens ($\alpha = 0,77$) e reflete a interferência direta de um rival na relação, provocando reações de ira por parte do ciumento. Ao ser observada a correlação existente entre os três fatores, os autores observaram a presença de um fator de segunda ordem, com *eigenvalue* de 8,07 e alfa de *Cronbach* de 0,89, denominado de ciúme romântico.

Por meio de buscas em *websites*, foi possível perceber que os estudos na área de relacionamentos que utilizam medidas para avalia-los, em alguns de seus aspectos, estão em contínuo crescimento. No Brasil, facilmente se encontram escalas que mensuram construtos

relacionados ao ciúme, por exemplo, *Escala Triangular do Amor de Stenberg (ETAS)*; *Love Attitudes Scales*; *Escala de Satisfação Conjugal*; entre outras (CASSEPP-BORGES, 2010). No entanto, acerca do ciúme as únicas apresentadas no País são o Inventário de Ciúme Romântico, anteriormente descrito, e a ECR, ainda com poucos estudos relatados.

O estudo proposto por Almeida (2007), por exemplo, teve como objetivo verificar possíveis associações entre ciúme romântico e infidelidade amorosa. O autor utilizou a última versão publicada da ECR, que consta de 52 questões subdivididas em 4 fatores: *Aceitação*, *Dor*, *Raiva e Não-ameaça versus Ameaça* (fator geral). Além disso, empregou apenas as 40 questões do instrumento que compunham o fator geral *Não-ameaça versus Ameaça*, classificando-as em cinco graus crescentes de ciúme: íntimo, leve, moderado, intenso e excessivo. Para medir a infidelidade amorosa, foi construído um instrumento específico a fim de captar o que as pessoas compreendem como comportamentos relacionados à infidelidade. Sua amostra contou 45 casais de namorados paulistanos heterossexuais que passaram por duas etapas de aplicação com um intervalo de três meses entre uma e outra. Os resultados mostraram um teste-reteste de alta fidedignidade ($r = 0,88$) e que, nessa população, os sexos não diferem quanto à manifestação do ciúme em termos de intensidade. Também se pôde afirmar que os homens traem mais do que as mulheres e que, quanto maior o ciúme dos participantes, maiores são as chances de estes serem traídos pelos seus (suas) parceiros (a).

A ECR também foi utilizada como modelo para a construção de um novo instrumento de ciúme. A Escala de Medida de Ciúme como Critério de Desejabilidade de um Parceiro foi desenvolvida por Monteiro (2006), apresentando em sua validação um alfa de *Cronbach* de 0,96. Essa medida tem por objetivo avaliar a tolerância que os respondentes possuem quando confrontados com algumas situações que podem acontecer nos relacionamentos.

Sviatopolk-Mirsky; Jurberg e Jurberg (2002) fizeram uso da ECR para verificar as afirmações evolucionistas acerca das diferenças qualitativas existentes na manifestação do ciúme de homens e mulheres. Também buscaram correlacionar o ciúme com o grau de autoritarismo de ambos os sexos. Com a participação de 217 estudantes, funcionários administrativos e professores de três universidades do Rio de Janeiro, essas investigações indicaram que o ciúme tende a aumentar mais nos homens à medida que crescem os escores de autoritarismo ($r = 0,28$; $p = 0,005$) e que existem diferenças significativas na forma em que homens e mulheres expressam seu ciúme, tanto ao seu fator geral (*ameaça versus não-ameaça*) quanto nos fatores específicos (*aceitação e dor*).

Como ficou constatado, desde a sua elaboração a *Escala de Ciúme Romântico* tem sido aplicada com diferentes objetivos, principalmente tentando relacionar o construto ciúme a outras variáveis, como infidelidade, autoritarismo ou amor. Não obstante, no Brasil, ainda são poucos os estudos que se propõem a analisar as suas propriedades psicométricas. Em função destes aspectos, o presente estudo tem como principal objetivo apresentar uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (ECR). Especificamente, pretende-se verificar a qualidade psicométrica desta medida, avaliando seus parâmetros de validade e precisão (Alfa de Cronbach), e, adicionalmente, avaliar a estrutura fatorial que melhor se ajusta aos dados. Para tanto, realizaram-se dois estudos específicos, conforme descrição a seguir.

3. ESTUDO I – ECR: AVALIANDO SUA ESTRUTURA FATORIAL

O presente estudo tem como propósito analisar os itens originais da escala, considerando as comunalidades observadas no estudo original, para apresentar uma versão reduzida dessa medida, verificando o poder discriminativo e a homogeneidade dos itens, explorando sua estrutura fatorial e consistência interna (Alfa de Cronbach). Uma exposição das especificidades do estudo pode ser contemplada no método.

3.1. Método

3.1.2. Amostra

O presente estudo contou com a participação de 301 pessoas da população geral da cidade de João Pessoa-PB, com idades compreendidas entre 18 e 72 anos ($m = 29,5$; $dp = 11,58$), a maioria do sexo feminino (54,2%) e católica (56,8%). Com relação ao estado civil, os participantes se declararam casados ou em união estável (41,2%), separados ou viúvos (5,6%) e solteiros (53,2%). Entre os solteiros, separados e viúvos, 62,5% indicaram estar em um namoro fixo, 22,2% em um relacionamento casual e 15,3% noivos. Compuseram a amostra aquelas pessoas que, após o convite, concordaram em participar do estudo e apresentaram tempo de relacionamento igual ou superior a três meses. Trata-se, portanto, de uma amostra de conveniência, não probabilística¹⁷.

3.1.3. Instrumentos

Escala de Ciúme Romântico – ECR (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994). Sua versão inicial é composta por 59 itens que apresentam situações triangulares geradoras de ciúme, envolvendo o (a) parceiro (a) do sexo oposto. Para atender os objetivos do presente estudo, selecionaram-se 28 itens, em função das 14 cargas fatoriais negativas e das 14 cargas fatoriais positivas mais altas. Originalmente, seus itens estão distribuídos em três fatores: Não-ameaça [13 itens, por exemplo, *Não tem nada de mal ele (a) ir a uma festa sozinho*], Exclusão [11 itens, por exemplo, *Causa-lhe incômodo ele (a) se arrumar demais para sair*

¹⁷ A utilização dessa amostra se deu, fundamentalmente, pela parceria estabelecida entre o Laboratório Cearense de Psicometria – LACEP, coordenado pelo orientador da presente monografia, e o Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social – BNCS da Universidade Federal da Paraíba.

sem você] e Interferência [4 itens, por exemplo, *É indecente uma mulher/um homem se aproximar e conversar com ele (a)*] que, como já foi mencionado, apresentam alfas de Cronbach de 0,87, 0,85 e 0,77, respectivamente (ANEXO I).

Questionário de Valores Básicos (GOUVEIA, 1998; 2003). Este instrumento (ANEXO II) é composto por 18 itens (*valores básicos*), distribuídos em seis subfunções psicossociais: experimentação (*emoção, prazer e sexual*), realização (*êxito, poder e prestígio*), existência (*estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência*), suprapessoal (*beleza, conhecimento e maturidade*), interacional (*afetividade, apoio social e convivência*) e normativa (*obediência, religiosidade e tradição*). Para respondê-lo, o participante deve ler a lista de *valores* e indicar em que medida cada um deles é importante como um princípio que guia sua vida. Para tanto, utiliza uma escala de resposta com os seguintes extremos: **1** = *Totalmente não Importante* e **7** = *Totalmente Importante*. De acordo com as análises fatoriais confirmatórias efetuadas por Gouveia (2003), este instrumento apresenta índices de bondade de ajuste satisfatórios: $\chi^2/g.l = 2,67$, GFI = 0,91, AGFI = 0,89 e RMSEA = 0,05; sua consistência interna (Alfa de Cronbach) média foi de 0,51 para o conjunto das seis subfunções.

Dados Sócio-Demográficos. Lista com perguntas sobre o sexo, a religião, a idade, a escolaridade e a classe social dos participantes.

3.1.4. Procedimentos

Os questionários foram aplicados pela equipe do Grupo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social – BNCS em lugares públicos, como ruas, *shoppings* e praias da cidade de João Pessoa. Aos convidados foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, o tempo médio da participação, que não existiam respostas certas ou erradas e que os dados seriam considerados em conjunto, garantindo o anonimato e o sigilo das respostas. Também era explicado que a participação deveria ser voluntária, sendo concedido o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento e um endereço para obtenção de mais informações a respeito da mesma.

3.1.5. Análise dos Dados

As análises foram efetuadas por meio do *software* SPSS (versão 20). Além das estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), realizaram-se, inicialmente: um Teste *t* de Student, para avaliar o poder discriminativo dos itens, comparando suas pontuações médias em função de grupos critério internos; e correlações item total corrigidas, para avaliar a homogeneidade dos itens. Em seguida, verificou-se a adequação da matriz de dados correspondente com o fim de se realizar uma análise fatorial exploratória, considerando o Kaiser-Meyer-Olkin (*KMO*), que precisa ser de pelo menos 0,60 para suportar este tipo de análise, e o Teste de Esfericidade de Bartlett, cujo valor do *qui-quadrado* deve ser estatisticamente significativo (TABACHNICK; FIDELL, 2001). Para conhecer a estrutura fatorial do conjunto de itens, foi realizada uma análise de Componentes Principais. Salienta-se que para estabelecer o número de fatores a ser retido foram considerados os critérios de Kaiser, Cattell e Horn (Análise Paralela). Além disso, a fim de conhecer a precisão do instrumento, efetuou-se o cálculo do Alfa de *Cronbach*.

3.2. Resultados

Como exposto anteriormente, antes de explorar a estrutura fatorial da Escala de Ciúme Romântico, buscou-se analisar o poder discriminativo e a homogeneidade dos itens. Para tanto, foram estabelecidos grupos critérios internos, separando-os, a partir da mediana empírica ($Md = 3,37$), em grupos critério inferior ($< 3,37$) e superior ($> 3,37$). Utilizando-se do teste *t* para amostras independentes, foram comparadas as médias dos dois grupos em cada um dos itens, com o objetivo de verificar o quanto estes conseguem diferenciar os respondentes com pontuações próximas. Em seguida, efetuaram-se cálculos das correlações item-total corrigidas, observando, finalmente, o Alfa de *Cronbach* do conjunto total de itens e seus valores em função da exclusão dos itens com baixa homogeneidade. Os resultados destas análises são resumidos na Tabela 2.

Tabela 2. Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da ECR

Item	Grupo Inferior		Grupo Superior		<i>t</i>	<i>r</i> _{it}	Precisão do item
	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
Item 15	2,28	1,16	2,81	1,25	3,79*	0,29	0,83
Item 13	4,04	1,13	4,53	0,93	4,06*	0,23	0,83
Item 04	4,17	1,16	4,65	0,84	4,11*	0,29	0,83
Item 20	4,03	0,96	4,43	0,67	4,17*	0,24	0,83
Item 26	3,04	1,35	3,79	1,38	4,78*	0,19	0,84
Item 06	2,15	1,07	2,83	1,13	5,41*	0,35	0,83
Item 09	3,42	1,19	4,13	1,04	5,47*	0,35	0,83
Item 28	2,53	1,26	3,31	1,19	5,51*	0,38	0,83
Item 01	3,93	1,14	4,57	0,72	5,83*	0,39	0,83
Item 14	3,99	1,09	4,61	0,70	5,86*	0,37	0,83
Item 22	2,62	1,23	3,57	1,34	6,37*	0,33	0,83
Item 07	2,73	1,24	1,89	1,01	6,49*	-0,37	0,85
Item 23	2,78	1,30	3,75	1,27	6,50*	0,38	0,83
Item 19	2,57	1,11	3,53	1,38	6,68*	0,43	0,83
Item 24	2,98	1,27	3,95	1,17	6,85*	0,37	0,83
Item 16	2,45	1,11	3,36	1,14	6,97*	0,42	0,83
Item 05	2,32	1,00	3,25	1,22	7,18*	0,40	0,83
Item 21	3,33	1,29	4,30	0,96	7,42*	0,47	0,82
Item 10	4,05	1,03	4,79	0,60	7,52*	0,41	0,83
Item 25	3,71	1,14	4,55	0,75	7,53*	0,39	0,83
Item 02	2,53	1,13	3,58	1,21	7,80*	0,46	0,82
Item 27	2,35	1,02	3,38	1,17	8,15*	0,43	0,83
Item 08	2,25	0,89	3,24	1,18	8,21*	0,43	0,83
Item 11	2,95	1,20	3,98	0,92	8,33*	0,48	0,82
Item 17	2,58	1,04	3,63	1,09	8,49*	0,48	0,82
Item 03	2,08	0,82	3,10	1,14	8,85*	0,45	0,83
Item 18	2,77	1,19	3,97	1,13	8,92*	0,45	0,82
Item 12	2,56	1,05	3,97	1,02	11,80*	0,58	0,82

Notas: * $p < 0,001$; r_{it} = Correlação item-total corrigida.

Como se verifica, todos os itens conseguem diferenciar significativamente ($p < 0,001$) os grupos critérios, mesmo quando estes apresentam pontuações próximas. Em relação à homogeneidade, a maioria ficou acima do limite aceitável (0,20), variando as correlações entre 0,23 (*Causa-lhe desconforto os objetos de uma outra paixão ocupar mais espaço do que os seus*) e 0,58 (*É perfeitamente normal ela conversar longamente com um amigo*). Como exceção, o item 26 (*É indecente ela dar olhadas para outros homens em uma festa*) apresentou correlação de 0,19, menor do que o recomendado (CLARK; WATSON, 1995). Contudo, como é possível constatar, sua exclusão, ao menos nessa fase, não compromete significativamente a precisão do instrumento. De modo análogo, apesar da retirada do item 07 (*Ligar para ela e uma voz masculina não-familiar atender lhe causa raiva*) elevar a consistência interna para 0,85, optou-se por incluí-lo nas análises subsequentes, uma vez que o valor do alfa de Cronbach para o conjunto total de itens foi de 0,83, mostrando-se superior

ao que tem sido proposto como ponto de corte na literatura (0,70; NUNNALLY, 1991; PASQUALI, 2010).

Uma vez constatado o poder discriminativo e a precisão dos itens da ECR, buscou-se avaliar a matriz de dados, checando sua adequação para realização de uma análise fatorial. Neste caso, observaram-se o *Teste de Esfericidade de Bartlett* [$\chi^2 (378) = 1869,93$ ($p < 0,001$)] e o *Kaiser-Meyer-Olkin* – KMO (0,86), cujos resultados indicaram a pertinência da realização das análises (TABACHNICK; FIDEL, 2001). Para determinar quantos possíveis fatores podem se extrair da matriz de dados, observaram-se os critérios do *eigenvalue* (valores próprios) maior do que 1,0, de Guttman-Kaiser (GUTTMAN, 1954; KAISER, 1960), o teste *scree*, de Cattell (1966) e a Análise Paralela, de Horn (1965).

Seguindo o critério de Guttman-Kaiser, foi possível encontrar um total de sete fatores com valores próprios (*eigenvalues*) iguais ou superiores a 1 que, conjuntamente, explicaram 51,61% da variância total. Não obstante, levando em consideração que tal critério superestima o número de componentes a extrair, decidiu-se ter em conta os outros dois critérios, considerados mais robustos (HAYTON; ALLEN; SCARPELLO, 2004): a distribuição gráfica dos valores próprios (Cattell) e a geração aleatória de tais valores de Horn (Análise Paralela). O critério de Cattell (1966) é uma figura (*scree plot*) que ilustra como a variabilidade dos dados está distribuída entre os eixos de ordenação (X,Y), os pontos que se distanciam da linha horizontal de pontos indicam o número de fatores a serem extraídos (HAIR JR *et al*, 2005). Em função desse critério, de acordo com a visualização do *scree plot* (Figura 1), foram identificados três fatores.

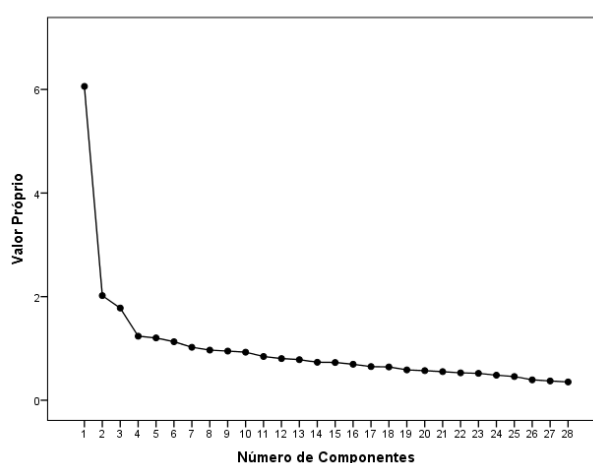


Figura 2. Representação Gráfica dos valores próprios da ECR (Critério de Cattell).

A análise paralela, por outro lado, contrasta os *eigenvalues* (valores próprios) gerados pela matriz de componentes (observados) com aqueles gerados aleatoriamente (simulados), em função do tamanho da amostra e do número de itens do instrumento (HORN,

1965). Reise, Waller e Comrey (2000), consideram que é pertinente reter um fator na medida em que este explica maior variância do que o fator correspondente nos dados aleatórios. Assim, no momento em que o *eigenvalue* dos dados aleatórios é superior ao dos dados empíricos (observados), não é mais adequado reter esse fator. Para realizar a análise paralela, neste estudo, assumiram-se os parâmetros do banco de dados original (301 participantes e 28 variáveis) com 100 simulações. Cada valor observado maior que o valor médio resultante das matrizes aleatórias corrobora a existência do fator. Os resultados desta análise podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3. Análise paralela para os itens da ECR (n=301).

Valores observados	Valores simulados	Percentis
6,06	1,61	1,71
2,02	1,52	1,59
1,78	1,45	1,51
1,24	1,40	1,43
1,20	1,34	1,38
1,13	1,30	1,34
1,02	1,25	1,29
0,97	1,21	1,25
0,95	1,17	1,20
0,93	1,13	1,17
0,84	1,09	1,12
0,80	1,06	1,09
0,78	1,02	1,05
0,73	0,99	1,01
0,73	0,95	0,98
0,69	0,92	0,96
0,65	0,89	0,92
0,64	0,86	0,88
0,59	0,83	0,85
0,57	0,80	0,83
0,55	0,77	0,79
0,53	0,74	0,76
0,52	0,70	0,73
0,48	0,67	0,70
0,46	0,64	0,67
0,39	0,60	0,64
0,37	0,56	0,60
0,35	0,52	0,55

O critério da análise paralela corrobora o número de fatores observados no *scree plot* (critério de Cattell), o que, segundo o estudo original (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994), parece ser a estrutura mais coerente para a Escala de Ciúme Romântico. De fato, replicando-se os procedimentos utilizados por Ramos, Yazawa e Salazar (1994) – análise Fatorial dos Eixos Principais (PAF), com rotação *Oblimim* – foram encontrados três fatores. Entretanto, com essas análises alguns problemas relacionados à saturação dos itens nos fatores

e, conseqüentemente, à estrutura fatorial originalmente proposta foram identificados. O fator I (*Não-ameaça*) agrupou 16 itens, com cargas fatoriais acima de $|0,30|$. Porém, foram incluídos nesse fator dois itens (itens 3 e 7) que não pertenciam originalmente a ele; o segundo fator (*Exclusão*) contemplou, a partir do mesmo critério (carga fatorial $\geq |0,30|$), nove itens, incluindo o item 15 que no estudo original compunha o fator *Interferência*. O último componente (*Interferência*) reuniu três itens (4, 13 e 20) que, segundo as análises realizadas originalmente por Ramos, Yazawa e Salazar (1994), deveriam saturar no fator *Exclusão*. Em função dessas considerações, decidiu-se efetuar nova análise fatorial, considerando o método dos eixos principais (*Principal Axis Factoring - PAF*), fixando a extração de dois fatores, com rotação *oblimin*, dado que na análise anterior os fatores da escala se apresentaram significativamente ($p \leq 0,001$) correlacionados. Os resultados detalhados acerca dessa análise são apresentados na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4. Estrutura Componencial da Escala de Ciúme Romântico (ECR).

Item	Fator	
	I	II
02. Não tem nada de mal ela ir a festa sozinha	0,69*	-0,15
12. É perfeitamente normal ela conversar longamente com um amigo	0,66*	0,04
11. Pouco importa ela receber presentes de um amigo	0,63*	-0,07
03. É perfeitamente normal ela elogiar um amigo seu	0,60*	-0,08
18. Não tem nada de demais seus amigos freqüentarem a casa dela	0,60*	-0,07
08. É natural ela ter muitos amigos	0,54*	-0,03
17. É aceitável ela fazer elogios a outro homem na sua frente	0,50*	0,09
25. É natural ela ouvir músicas na casa de um amigo	0,46*	-0,01
27. É tolerável ela ficar de papo com alguém	0,45*	0,08
10. Não tem nada de mal ela freqüentar a casa de um antigo namorado	0,42*	0,07
14. Não há problema ela preferir passear com amigos à ficar com você	0,42*	0,01
01. Não há problema a fotografia de outro homem na carteira dela	0,41*	0,03
07. Ligar para ela e uma voz masculina não-familiar atender lhe causa raiva	-0,41*	-0,03
24. É aceitável ela sonhar com outro	0,40*	0,02
09. É aceitável ela aparecer com um perfume estranho na camisa	0,38*	0,04
21. É muito chato encontrar números de telefones de homens na agenda dela	0,03	0,64*
19. Você fica furioso quando ela dança com um amigo seu em uma festa	0,03	0,56*
22. Causa-lhe incômodo ela se arrumar demais para sair sem você	-0,07	0,56*
23. Encontrar um isqueiro no bolso dela, sem ela fumar, o deixa indignado	0,02	0,52*
28. Ela trabalhar em um ambiente com muitos homens lhe incomoda	0,07	0,45*
16. Provoca irritação amigos falarem dela com entusiasmo	0,14	0,43*
26. É indecente ela dar olhadas para outros homens em uma festa	-0,09	0,36*
15. Ela ficar trancada no quarto com uma amiga lhe causa desconfiança	0,10	0,30*
05. Fica furioso quando ela conversa com um amigo que acha bonito	0,23	0,30*
20. Causa-lhe incômodo ela parar de demonstrar sentimentos	0,12	0,18
06. É indecente um homem se aproximar e conversar com ela	0,27	0,19
13. Causa-lhe desconforto os objetos de outra paixão ocupar mais espaço do que os seus	0,23	0,03
04. Encontrá-la com outro em um barzinho o deixa chateado	0,22	0,12
Valor próprio	6,06	2,02
Variância explicada	21,64	7,22
Número de itens	15	9
Alfa de Cronbach	0,79	0,73

Notas: * Carga fatorial satisfatória igual ou superior a $|0,30|$; Fator I = Não ameaça; Fator II = Ameaça.

Segundo a Tabela 4, a Análise Fatorial dos Eixos Principais corroboram a provável existência de dois componentes que explicam conjuntamente 28,8% da variância total. O primeiro agrupou 15 itens, com cargas fatoriais entre $|0,38|$ e $|0,69|$, devendo-se destacar que o item 7 (*Ligar para ela(e) e uma voz masculina não-familiar atender lhe causa raiva*) apresentou carga fatorial negativa, devendo, portanto, em análise futuras ter sua escala invertida. O segundo fator reuniu 9 itens com saturações entre $|0,30|$ e $|0,64|$. Os itens 4 [*Encontrá-la(o) com outro em um barzinho o deixa chateado(a)*], 6 [*É indecente um(a) homem (mulher) se aproximar e conversar com ela(e)*], 13 [*Causa-lhe desconforto os objetos de uma outra paixão ocupar mais espaços do que os seus*] e 20 [*Causa-lhe incômodo ela(e) parar de demonstrar sentimentos*] apresentaram cargas fatoriais abaixo de $|0,30|$ em ambos os fatores. Para cada um dos fatores as consistências internas foram de 0,79 e 0,73, respectivamente. Uma discussão sobre esses resultados é apresentada a seguir.

3.3. Discussão

O principal objetivo do *Estudo I* foi analisar a Escala de Ciúme Romântico (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994), selecionando itens com maiores comunilidades, verificando o poder discriminativo desses itens, a consistência interna e, finalmente, a estrutura fatorial. Para tanto, com base no caráter exploratório do estudo, foram realizadas Análise Fatoriais dos Eixos Principais (PAF), com rotação *oblímin*, no intuito de observar, a partir da matriz de dados, que estruturas poderiam ser mais coerentes.

Com base nos resultados, verificou-se que, inicialmente, todos os itens da ECR apresentaram poder discriminativo significativo, mesmo quando estabelecido um critério mais rigoroso. Nestas análises, diferente do que propõem alguns autores (PASQUALI, 2003), os grupos critérios foram estabelecidos a partir de mediana empírica do grupo. Este aspecto se configura como mais criterioso, uma vez que os grupos critérios, em função do ponto de corte, apresentam pontuações empiricamente muito próximas. Assim, a observação de diferenças significativas nas pontuações dos participantes em todos os itens selecionados da ECR dá suporte à apresentação de uma medida com alta capacidade para diferenciar ciumentos de não ciumentos.

Como elemento adicional ainda efetuaram-se correlações item-total corrigidas, verificando-se que a homogeneidade dos itens também foi certificada; nesse caso, à exceção do item 26 (*É indecente ela dar olhadas para outros homens em uma festa*), que apresentou correlação item-total de 0,19, todos os valores foram superiores ao recomendado (0,20).

Apesar da correlação do item 26 ter se apresentado abaixo do indicado na literatura, deve-se ponderar que a análise dos itens é apenas um passo no processo de construção e validação de medidas psicométricas. Sob tal perspectiva, a decisão acerca da exclusão ou inclusão de elementos (itens) na operacionalização de um construto deve, fundamentalmente, ter em conta: o poder discriminativo, a homogeneidade, a comunalidade e a importância teórica. O item 26 apresentou carga fatorial acima de 0,30, poder discriminativo satisfatório ($t = 4,78$; $p \leq 0,001$), e parece se configurar, teoricamente, como um elemento importante para indicação do ciúme. Além disso, sua exclusão não produz mudança expressiva na consistência interna do conjunto de itens, o que justificou sua manutenção nas análises subsequentes.

Quando avaliada a estrutura fatorial da ECR com os dados dessa amostra, considerando os diferentes critérios para observação do número de fatores a ser extraído de uma matriz propostos na literatura, tanto o critério de Cattell (*scree plot*) quanto o de Horn (Análise Paralela) estimaram a existência de três fatores, como explicitado pelos autores proponentes da escala. No entanto, ao executar uma PAF com rotação *oblímin*, a estrutura de três componentes apresentou algumas inconsistências. Primeiramente, existiram itens que saturaram em fatores diferentes do original, e, de modo análogo, nenhum dos três itens que, nesse estudo, agruparam o terceiro fator (*interferência*) faziam parte do componente inicial (*exclusão*). Estes resultados se devem, provavelmente, pela inconsistência entre definições constitutivas e operacionais. Ainda que os proponentes da escala original tentem definir os fatores *interferência* e *exclusão*, os itens construídos para representá-los possuem conteúdos que se aproximam daqueles expostos nos demais itens da medida que saturam no fator Não Ameaça. No estudo original, a constituição dos fatores parece ter seguido procedimentos de psicoestatística, em que se constituem os itens e depois, em função dos resultados, estabelece-se o que eles medem (PASQUALI, 2010). Em função disso, uma nova análise deve ser feita, demandando estatísticas mais robustas e uma análise teórica mais criteriosa.

Nessa direção, deve-se observar que, em geral, os itens da ECR apresentam descrições de situações que, provavelmente, oferecem algum tipo de ameaça ao relacionamento, seja pela interferência de um terceiro ou pelo enfraquecimento do vínculo que une o casal; ou são itens que descrevem ocasiões em que estas são interpretadas como normais, isto é, circunstâncias em que ocorre ausência de ameaça. Tais observações possibilitou conjecturar a existência de uma estrutura fatorial baseada em apenas dois componentes, que podem ser nomeados de *Ameaça* e *Não-Ameaça*. Para estas denominações foram levadas em consideração os referenciais teóricos encontrados sobre a manifestação do ciúme. Dessa forma, o construto ciúme se fundamenta, basicamente, na percepção de uma

ameaça real ou imaginária à estabilidade de uma relação significativa para o indivíduo considerado ciumento, cuja incitação tem por base a presença de um provável rival (FERREIRA-SANTOS, 2003; HART; LEGERSTEE, 2010; PARROT, 1991; PFEIFFER; WONG, 1989; SHARPSTEEN; KIRKPATRICK, 1997; WHITE, 1981d).

Apesar de não haver estudos que corroborem essa proposta, os resultados se mostraram mais consistentes com a estrutura bifatorial, à medida que os itens se distribuíram de forma mais equilibrada e coerente de acordo com a dimensão do construto ciúme que aparentavam avaliar (*face validity*). Nesse caso, adotaram-se os itens que obtiveram carga fatorial a partir de $|0,30|$ em um dos fatores, e excluíram-se aqueles que apresentaram saturações abaixo do ponto de corte estabelecido. Este procedimento possibilitou uma versão da ECR com 24 itens distribuídos em dois componentes que demonstraram alfas de Cronbach acima do valor de 0,70, que tem sido recomendado na literatura (0,79 para o fator Não-ameaça, e 0,73 para o fator Ameaça).

Nesta direção, considerando que o *Estudo I* utilizou análises exploratórias, parece coerente realizar análises estatísticas mais robustas, como é o caso das modelagens por equação estrutural, para comprovar se o modelo previamente encontrado no *Estudo I* é, de fato, o mais adequado, dirimindo as dúvidas acerca da estrutura fatorial da ECR, decidiu-se realizar um novo estudo (*Estudo II*), cujos objetivos e especificidades são apresentados a seguir.

4. ESTUDO II – ECR: COMPROVANDO SUA ESTRUTURA FATORIAL

Procurando alcançar todos os objetivos estabelecidos e avançar na compreensão da estrutura fatorial da Escala de Ciúme Romântico (ECR), foi desenvolvido o Estudo II. Neste estudo, procurou-se contrastar, em função dos resultados do Estudo I e da literatura acerca do tema, diferentes modelos fatoriais para a ECR. Nesta direção, realizaram-se análises fatoriais confirmatórias, estabelecendo, *a priori*, modelos compostos por um, dois e três fatores. Com estas análises, além de apresentar uma versão reduzida do instrumento, espera-se obter resultados mais conclusivos acerca da validade fatorial da ECR, bem como observar a estrutura que melhor se adequa aos dados.

4.1 Método

4.1.1 Amostra

Esse estudo contou com uma amostra, não probabilística, de 281 pessoas. Estas apresentaram idades entre 18 e 59 anos ($m = 24,1$; $dp = 7,09$), sendo a maioria do sexo feminino (51,6%), heterossexual (86,7%) e católica (51,4%). Quanto ao estado civil ou tipo de relacionamento, 14,3% se declararam casados ou com união estável, 40,7% em namoro firme e 45% solteiros.

4.1.2 Instrumentos

Os participantes responderam um livreto composto por seis partes¹⁸.

Escala de Ciúme Romântico – ECR (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994) essa medida reúne um conjunto de itens que visam avaliar a reação das pessoas em face de uma ameaça percebida a um relacionamento valorizado. Tal escala é composta originalmente por 59 itens que apresentam situações triangulares geradoras de ciúme, envolvendo o (a) parceiro (a) do sexo oposto. Contudo, na presente monografia, a referida escala foi utilizada em uma versão reduzida composta por 24 itens. Tais itens estão agrupados em dois fatores que descrevem situações nas quais o respondente pode considera-las como uma ameaça ao relacionamento (por exemplo, *Causa-lhe incômodo ele (a) se arrumar demais para sair sem você*) ou como uma não-ameaça (por exemplo, *É aceitável ele (a) aparecer com um perfume estranho na blusa*). Os participantes deveriam responder o questionário de acordo com uma

¹⁸ Para os fins específicos desse estudo, considerou-se nas análises, unicamente, a Escala de Ciúme Romântico.

escala do tipo *Likert*, com cinco opções de respostas variando de **1** = *discordo totalmente* a **5** = *concordo totalmente* (ANEXO I)

Escala Tetragonal do Amor - A Escala Tetragonal do Amor foi desenvolvida por Yela, 1996, aperfeiçoando o modelo baseado em três fatores de Sternberg (STERNBERG, 1986), sendo sua versão desenvolvida em quatro fatores. Este instrumento tem como objetivo avaliar, de forma breve e confiável, as dimensões do amor dentro da área de íntimas relações interpessoais. O instrumento original possuía 60 itens, mas uma versão breve de 20 itens foi criada, embasada em análises fatoriais, que sugeriram a conveniência de usar a escala com apenas cinco itens para cada fator. Estes estão estruturados em sentenças simples e respondidos em uma escala de respostas *Likert* de cinco pontos com os seguintes extremos: **1** = *não me descreve nada* e **5** = *me descreve totalmente*. Os quatro componentes que compõem a versão reduzida da Escala Tetragonal do Amor são: Paixão Erótica, (por exemplo, *Só em ver ____ me excito*), Paixão Romântica (por exemplo, *Meu relacionamento com ____ é muito romântico*), Intimidade (por exemplo, *Sinto que sou muito compreendida por ____*), e Compromisso (por exemplo, *Estou certa do amor que sinto por ____*). (ANEXO III)

Escala de Satisfação com a Vida – ESV (DIENER *et al.*, 1985), essa medida tem como propósito avaliar o julgamento que as pessoas fazem acerca do quanto estão satisfeitas com suas vidas. Como os indivíduos provavelmente dão pesos e significados diferentes a domínios específicos de suas vidas, Diener e seus colaboradores (1985) decidiram desenvolver uma medida com independência de domínio, isto é, os itens que compõem sua escala são de natureza global, avaliando o julgamento geral de satisfação com a vida. A ESV (DIENER *et al.*, 1985) é composta por cinco itens que avaliam um componente cognitivo do bem-estar subjetivo (por exemplo, *Estou satisfeito (a) com minha vida*). Os participantes dão suas respostas em uma escala de 7 pontos, com os extremos **1** = *discordo totalmente* e **7** = *concordo totalmente* (ANEXO IV). A média dos seus itens constituem um indicador de Satisfação com a Vida.

Escala de Liberalismo e Conservadorismo Sexual – QLCS (GUERRA; GOUVEIA, 2007). Construída a partir do *Questionário de Atitudes Sexuais* (HANNON *et al.*, 1999), essa escala tem como objetivo medir o nível de aceitação/tolerância dos respondentes frente a determinados atos sexuais. A escala original de Hannon possui 66 itens divididos igualmente em duas sub-escalas, a primeira composta por afirmações que remetem à própria sexualidade do respondente (*Self Scale, SS*) e a segunda que alude à sexualidade do outro (*Other Scale, OS*). Ambas estão subdivididas em 5 fatores: *auto-erotismo, heterossexualidade, homossexualidade, variação sexual e comercialização do sexo*.

O instrumento proposto por Guerra; Veloso (2007) é composto por 16 itens em cada sub-escala (total de 32 itens) que avaliam as dimensões *auto-erotismo*, *sexo pré-marital*, *pornografia e homossexualidade*. As pessoas devem responder as assertivas de acordo com uma escala de cinco pontos, que varia de **1** = *Discordo totalmente* a **5** = *Concordo totalmente*. Quanto maior a pontuação, maior seu liberalismo sexual. No livreto aplicado aos participantes do estudo, foi utilizada apenas os itens que se referem à *Other Scale*. (ANEXO V)

Questões de caráter Sociobiodemográfico. A última parte denominada Caracterização da amostra consta de perguntas como sexo, idade, escolaridade, religião, classe social, orientação sexual, se está ou não envolvido em algum relacionamento, além de algumas questões referentes ao poder aquisitivo dos participantes, à religiosidade (por exemplo, *em que medida você se considera religioso?* e *com que frequência você vai as reuniões da sua religião?*) e perguntas sobre infidelidade. Uma visão mais ampla desses itens pode ser obtida no (ANEXO VI).

4.1.3 Procedimentos

Os participantes responderam ao questionário individualmente. A coleta dos dados foi realizada por aplicadores devidamente instruídos para controlar os fatores que pudessem comprometer as respostas dos participantes. Na ocasião, as mesmas instruções foram dadas para todos os respondentes, sendo a todos enfatizada a importância da concordância em participar, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Deste modo, assegurou-se aos participantes o caráter confidencial de suas respostas, indicando os aplicadores um endereço onde os mesmos poderiam obter informações sobre os resultados finais do estudo. Após a coleta dos dados, foram excluídos da amostra os participantes que deixaram mais de 30% dos itens sem resposta. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para conclusão da participação.

4.1.4 Análise dos Dados

Além das estatísticas descritivas, utilizadas para descrever as características da amostra, realizaram-se múltiplas análises fatoriais confirmatórias (AFC). O principal objetivo destas análises, conforme já mencionado, foi comprovar que estrutura fatorial melhor se ajustava aos dados. As análises foram efetuadas através do programa AMOS, considerando a matriz de covariância e empregando-se o método de estimação *ML* (*Maximum Likelihood*). O ajuste global dos modelos foi analisado em função da razão de verossimilhança Qui-quadrado,

índice que proporciona um teste de significância do grau em que o modelo proposto ajusta-se aos dados, representando valores altos um mau ajuste. Contudo, deve-se reconhecer que tal indicador sofre bastante influência do tamanho da amostra, de forma que pequenas diferenças entre os modelos propostos e os dados alcançam significação estatística quando são utilizadas amostras superiores a 200 sujeitos. Mesmo assim, a diferença do qui-quadrado e seu respectivo grau de liberdade [$\Delta\chi^2$ (df)] tem sido utilizada como um critério útil para comparar o nível de ajuste de modelos alternativos (GARSON, 2003).

Como índices de ajuste adicionais, foram observados mais especificamente: o *Goodness-of-fit Index* (GFI), que é uma medida de variabilidade explicada pelo modelo, onde seus valores podem variar entre zero (mau ajuste) e um (ajuste perfeito), considerando-se como aceitáveis valores superiores a 0,90 (MARSH; HAU; WEN, 2004); o *Root-mean-square Error of Approximation* (RMSEA), cujos valores, quanto mais próximos de zero, sinalizam um melhor ajuste. Para este índice são considerados aceitáveis valores inferiores a 0,08 (JORESKÖG; SÖRBOM, 1989); o P_{close} , que é um indicador mais criterioso, testando a hipótese nula de $RMSEA < 0,05$. Quando seu valor é próximo a zero, rejeita-se esta hipótese, sugerindo ausência de ajuste do modelo. Portanto, é recomendado $P_{close} > 0,05$ como indicativo de modelo ajustado; o *Comparative Fit Index* (CFI), que é um índice comparativo adicional de ajuste ao modelo, valores mais próximos de 1 apontam melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo; o *Consistent Akaike information Criterion* (CAIC) e o *Expected Cross Validation Index* (ECVI), os quais são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* sugerem um modelo mais adequado.

4.2 Resultados

Na tentativa de alcançar a proposta de uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico, para as análises confirmatórias do presente estudo, foram considerados os itens de cada fator que, no *Estudo I*, apresentaram saturações mais fortes. Dado que no estudo anterior o primeiro fator agrupou mais itens (15) do que o segundo (9), optou-se por dividir o conjunto de itens, para as análises do presente estudo, de forma equitativa. Em função deste critério, reuniram-se 18 itens que deverão compor a versão reduzida da escala. Após a seleção dos itens, o passo seguinte foi comprovar, através de múltiplas análises fatoriais confirmatórias, a estrutura fatorial que melhor se ajusta. Para tanto foram testados três modelos específicos: o primeiro (Modelo 1) reuniu os 18 itens procedentes das análises anteriores em um fator geral

nomeado de Ciúme; o segundo (Modelo 2) distribuiu estes itens em dois fatores, ameaça e não-ameaça; e o último (Modelo 3) considerou uma estrutura composta por três fatores, baseado na proposta do estudo original de Ramos, Yazawa e Salazar (1994). Os índices de ajuste para cada um destes modelos podem ser verificados na Tabela 5.

Tabela 5. Comparação dos modelos fatoriais da Escala de Ciúme Romântico (ECR).

Modelos	χ^2	g.l.	$\chi^2/g.l.$	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	Pclose	$\Delta\chi^2$ (g.l)
Modelo 1	393,81	135	2,92	0,835	0,740	0,083 (0,073-0,092)	0,000	-----
Modelo 2	261,30	134	1,95	0,905	0,872	0,058 (0,048-0,069)	0,150	132,51*
Modelo 3	238,97	132	1,81	0,913	0,893	0,054 (0,043-0,065)	0,269	22,33*

Nota: χ^2 = Qui-quadrado, gl = Graus de Liberdade, GFI = Goodness-of-fit Index, CFI = Comparative Fit Index, RMSEA = Root-Mean-Square Error of Approximation, CI90% = Intervalo de Confiança de 90%, e $\Delta\chi^2$ = diferença entre os valores do qui-quadrado. * $p \leq 0,001$.

Os modelos que apresentaram resultados mais próximos dos índices considerados adequados foram os dois últimos (Modelo 2 e Modelo 3), que compartilham de uma estrutura multifatorial de ciúme. O Modelo 2 considerou a existência de dois fatores específicos, denominados de Ameaça e Não-ameaça, verificando-se os seguintes índices de qualidade de ajuste: χ^2 (134) = 261,30 $p < 0,001$, $\chi^2 / g.l. = 1,95$, GFI = 0,905 e RMSEA = 0,058 (Intervalo de Confiança 90% = 0,048 – 0,069). Este modelo, quando comparado ao Modelo 1, é mais apropriado [$\Delta\chi^2$ (1) = 132,51, $p < 0,001$]. Entretanto, os índices de ajuste do Modelo 3, parecem indicar sua melhor adequabilidade, quando comparado ao Modelo 2 [$\Delta\chi^2$ (2) = 22,33, $p < 0,001$] e, conseqüentemente, ao Modelo 1. O Modelo 3, como já mencionado, estima a existência de três fatores, com os seguintes índices de ajuste: χ^2 (132) = 238,97, $p < 0,001$, $\chi^2 / g.l. = 1,81$, GFI = 0,913 e RMSEA = 0,054 (Intervalo de Confiança 90% = 0,043 – 0,065); os valores de CAIC (497,72) e ECVI (1,14) desse modelo foram inferiores àqueles apresentados pelo Modelo 2 (506,79 e 1,20, respectivamente), indicando sua melhor adequação. No Modelo 3, os pesos de regressão (lambdas, λ), excetuando o do item 15, foram iguais ou superiores a 0,30, sendo estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), apresentando o primeiro fator, denominado de *Exclusão*, consistência interna (Alfa de Cronbach) igual a 0,72, o fator II (*Não-ameaça*) a 0,78, e o último (*Interferência*), excluindo-se o item 15, a 0,43.

Não obstante, antes de considerar tais resultados como conclusivos, dois aspectos importantes precisam ser ponderados. Em primeiro lugar, deve-se analisar o conteúdo dos

itens e sua relação com a definição constitutiva dos fatores teóricos propostos por Ramos, Yazawa e Salazar (1994). Sobre isso, o terceiro fator se configura como o mais problemático; os itens 03 [*É perfeitamente normal ela(e) elogiar um amigo seu (sua)*], 05 [*Fica furioso(a) quando ela(e) conversa com um amigo(a) que acha bonito(a)*], 15 [*Ela(e) ficar trancada no quarto com um amigo(a) lhe causa desconfiança*] e 27 [*É tolerável ela(e) ficar de papo com alguém*], parece não ter qualquer relação com o que se define como Interferência. Outra observação diz respeito à precisão desse fator, que apresentou consistência interna ($\alpha = 0,43$) abaixo do que tem sido estabelecido na literatura ($\alpha \geq 0,70$), devendo-se ressaltar que para chegar a esse valor foi necessária a exclusão do item 15. Com base nessas observações, decidiu-se replicar as análises para o Modelo 2, excluindo o item 15, dado que seu peso de regressão (λ) foi expressivamente baixo. Além disso, procurou-se observar os IMs (Índices de Modificação) para as saturações (λ) e os erros de medida (Deltas, δ). Com base neste procedimento, correlacionaram-se os δ dos itens 3 [*É perfeitamente normal ela(e) elogiar um amigo(a) seu (sua)*] e 17 [*É aceitável ela(e) fazer elogios a outro(a) homem (mulher) na sua frente*], do fator Não Ameaça. A Figura 5 apresenta os parâmetros estimados para este modelo.

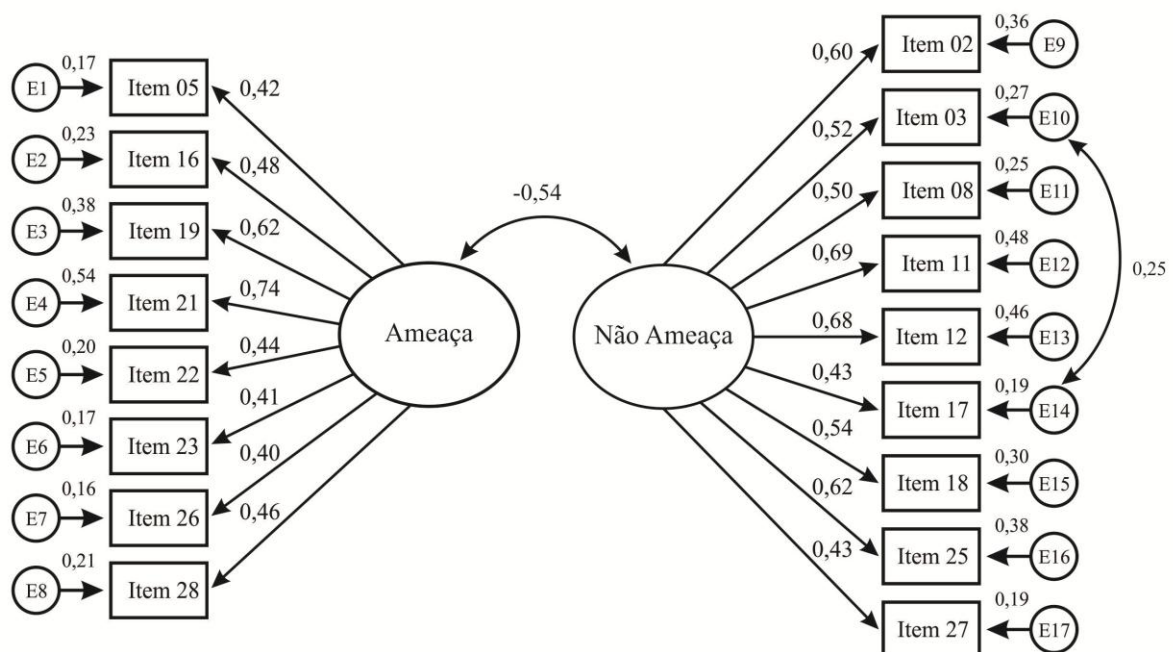


Figura 3. Estrutura bifatorial da Escala de Ciúme Romântico

Como esperado, a estrutura fatorial representada pela Figura 5 demonstrou indicadores de qualidade de ajuste aos dados mais satisfatórios: $\chi^2 (117) = 213,93$, $p < 0,001$, $\chi^2/ gl = 1,83$, GFI = 0,917, CFI = 0,901, RMSEA = 0,054 (IC90% = 0,043 - 0,066), Pclose = 0,252, CAIC= 452,79 e ECVI = 1,02; todos os λ foram superiores a 0,30, sendo estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$). Os dois fatores apresentaram correlação entre si (Φ) de -0,54 (valor Phi padronizado). Os alfas de Cronbach foram 0,72, para Ameaça, e 0,80, para Não Ameaça. Estes fatores apresentaram confiabilidade composta de 0,73 e 0,80, respectivamente.

4.3 Discussão

O propósito principal do *Estudo II* foi analisar diferentes estruturas fatoriais para a Escala de Ciúme Romântico, tendo como base a proposta de uma medida reduzida desse construto. Em função dos resultados apresentados, confia-se que os objetivos foram alcançados, restando, no entanto, algumas considerações relevantes. Inicialmente, destaca-se que, no Brasil, após a publicação original da ECR, só foi encontrado um estudo com o propósito de avaliar seus parâmetros psicométricos (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994; RAMOS, 2000). Este aspecto releva a importância da presente pesquisa, sobretudo, porque, além de explorar os parâmetros psicométrico da medida, apresenta análises mais conclusivas acerca da estrutura fatorial da ECR.

Nesta oportunidade, buscou-se investigar a hipótese de que o ciúme seja representado por dois fatores, ao invés de três, como sugerem Ramos, Yazawa e Salazar (1994). De fato, os resultados mais satisfatórios desse estudo apresentaram uma estrutura multidimensional da ECR, da mesma forma que apontaram evidências empíricas de que uma estrutura unidimensional é inconsistente com o construto ciúme. Estes achados encontram consonância com as proposições de alguns autores. White (1981a, b, c, d), por exemplo, afirma que o domínio do ciúme atinge uma extensa gama tanto de complexos comportamentais como de cognitivos e emocionais.

Considerando o Modelo 3, baseado na proposta dos proponentes da escala original, este apresentou bons índices de ajuste, aproximando-se do aceitável pela literatura de referência (BROWNE; CUDECK, 1993; FABRIGAR *et al.*, 1999; HU; BENTLER, 1999), o que confirma a possibilidade de uma estrutura com três fatores para a referida escala. De fato, essa consideração não é impossível, tendo em vista que autores como Pfeiffer e Wong (1989) construíram uma medida para ciúme romântico e patológico considerando três dimensões:

emocional, cognitivo e comportamental. Entretanto, como anteriormente mencionado, os conteúdos dos itens não aparentam descrever os fatores que constituem, tornando a configuração desses três fatores de difícil compreensão no que se refere às amostras aqui utilizadas. A comprovação apresentada, por meio dos índices de ajuste, apenas forneceu indícios empíricos da possibilidade desta proposta. Tais inconsistências entre as definições dos fatores apresentados e a operacionalização do construto ciúme são compreensíveis na medida em que, segundo Mazur (1977), essa palavra carrega consigo vários significados, e ainda existe muita confusão semântica em torno do seu uso.

Em função dessas considerações, foi possível conjecturar que há viabilidade em se trabalhar a avaliação dos níveis de ciúme romântico considerando-o em apenas dois âmbitos. As análises finais permitiram concluir que, como esperado, a Escala de Ciúme Romântico é melhor representada por uma estrutura baseada em apenas dois fatores. Para chegar a tais resultados, utilizou-se como base as análises confirmatórias anteriores que apresentaram o item 15 [*Ela(e) ficar trancada(o) no quarto com uma amigo(a) lhe causa desconfiança*)] com um peso de regressão expressivamente baixo, indicando que este é uma má representação do fator no qual estava incluído e que, inclusive, diminui a sua consistência interna. Foram também observados os Índices de Modificação e os erros de medida (Deltas, δ), que apresentaram os itens 03 e 07 como correlacionados. Tal resultado se mostrou coerente, já que ambos os itens procuram avaliar a percepção do indivíduo em considerar elogios feitos por sua (seu) parceira(o) a outros(as) homens (mulheres) como uma situação sem ameaça ao relacionamento.

Levando em consideração esses resultados, chegou-se a uma versão final da Escala de Ciúme Romântico composta por 17 itens (ANEXO VII) com todos os lambdas (λ) acima do ponto de corte usualmente utilizado (0,30). Trata-se de um instrumento confiável, em que seus fatores apresentaram valores para o alfa de Cronbach maiores do que 0,70 e correlacionados negativamente. Tal correlação era esperada, já que são partições de um mesmo construto, mas que se mostram incompatíveis, de modo que, ao pontuar alto em não-ameaça o respondente, provavelmente, pontuará baixo no fator ameaça.

5. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO

Como destacado no decurso dessa pesquisa, as definições dadas pelos teóricos acerca do que é o ciúme, são diversas. Porém, a existência do que se conhece por ciúme está condicionado a uma tríade que é enfatizada em todas as conceitualizações analisadas: a) deve ser uma reação frente a uma ameaça percebida; b) é necessária a existência de um rival, seja ele real ou imaginário e; c) a reação visa eliminar os riscos da perda do objeto amado. Portanto, os estudos acerca do ciúme são relevantes não só pelas controvérsias que ainda existem em seu campo teórico, mas também porque se constitui, por vezes, como um problema nos relacionamentos amorosos.

Tendo em vista tais questões e considerando que, não só os estudos teóricos, mas a proposição de medidas de ciúme ainda é incipiente no Brasil, o principal objetivo desta pesquisa foi oferecer à comunidade científica uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994), expressando-se segurança de que essa meta tenha sido alcançada de modo satisfatório. No entanto, como é comum a todo trabalho científico, reconhece-se algumas limitações que, embora não invalidem ou comprometam os objetivos antes indicados, demandam pensar criticamente os resultados previamente descritos. Entre essas limitações é possível inferir que as amostras dos estudos não foram representativas da população na qual estavam inseridas, o que limita a generalização dos resultados para o Brasil e, até mesmo, para o Ceará. Outra ocorrência se deu especificamente no *Estudo II*, em que não foi adicionado como pré-requisito que os participantes estivessem envolvidos em algum relacionamento. No entanto, tal limitação não invalida os resultados, já que o modelo final alcançado se mostrou com fatores bem definidos e consistência interna acima do que tem sido geralmente recomendado na literatura ($\geq 0,70$; NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994).

Mesmo com algumas limitações, deve-se reconhecer que a pesquisa desenvolvida se configura como um passo importante no campo dos estudos acerca do ciúme em contexto brasileiro. Além de apresentar informações concernentes à precisão da ECR, o presente estudo ultrapassa esta contribuição quando analisa empiricamente três modelos distintos para as estruturas fatoriais do ciúme. Desse modo, os estudos aqui realizados podem ser considerados importantes para o avanço das pesquisas na área de relacionamentos, fornecendo dados de amostras de duas diferentes regiões para futuros trabalhos e uma medida válida e precisa para replicações em contexto cearense e paraibano.

Além das contribuições supracitadas, faz-se mister apontar possibilidades de novos estudos, tendo como ponto de partida a resolução das limitações identificadas e, ao

mesmo tempo, as percepções do autor acerca de novas possibilidades de pesquisa e análise que, se aqui fossem inseridas, excederiam o escopo dessa monografia.

Dessa forma, como direcionamentos futuros, indica-se que o estudo seja replicado com amostras maiores e com amostras clínicas, na medida em que há autores que indicam o ciúme como sintoma de diversas patologias (FERREIRA-SANTOS, 2007; KINGHAM; GORDON, 2004; MULLEN, 1991; DAILY; WILSON; WEGHORST, 1982). Para tanto, sugere-se também a revisão de itens como o 15, que apresentou peso de regressão sem significância, e a criação de alguns outros que visem avaliar a dimensão patológica do ciúme, tornando o instrumento com objetivos mais amplos. Seriam igualmente relevante avaliar a validade convergente e discriminante da ECR com outras escalas de ciúme, como, por exemplo, a *Multidimensional Jealousy Scale* (PFEIFFER; WONG, 1989), que possui boa representatividade no contexto internacional. Isso permitiria conhecer em que medida a Escala de Ciúme Romântico está associada a outros atributos e dimensões psicológicas avaliadas por diferentes instrumentos. Além disso, uma opção seria verificar se, de fato, existem diferenças entre homens e mulheres na forma em que estes vivenciam o ciúme, e se ocorre variação em seus níveis ao sofrer influência de outras variáveis, como de uma infidelidade anterior.

Finalmente, cabe destacar a importância dos estudos acerca da normatização do instrumento, considerando amostras probabilísticas, e a análise da precisão teste-reteste. Concretamente, a análise do ciúme contemplada a partir de um modelo composto por dois fatores permite a comparação de tipos específicos de comportamentos e emoções, além de auxiliar na análise das variáveis relacionadas a cada um deles separadamente. Apesar não ter caráter aplicado, estudo dessa natureza podem trazer contribuições importantes em diversos campos. A título de exemplo, podem-se destacar vantagens em ao menos duas frentes: no âmbito da pesquisa que, cada dia mais, necessita de medidas de auto informe (*self reported*) curtas e de fácil aplicação, por facilitar a realização de estudos com grandes amostras, ajudando nos avanços na compreensão dos fenômenos em termos locais, regionais, nacionais e, inclusive, transculturais; no campo clínico e de intervenção, dado que instrumentos com propriedades psicométricas confirmadas, podem auxiliar na detecção de casos expressivos de ciúme, permitindo a intervenção e posterior avaliação. Em resumo, o presente estudo assume relevância significativa para o contexto no qual está inserido, sendo, portanto, mais uma contribuição para o campo da avaliação psicológica no estado do Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFIFI, W. A., REICHERT, T. Understanding the Role of Uncertainty in Jealousy Experience and Expression. **Communication Reports**, v 9, p. 93–103, 1996.

ALMEIDA, Thiago de. **Ciúme Romântico e Infidelidade Amorosa entre Paulistanos: Incidências e Relações**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-IV-TR**. 4ª. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

BARBOSA, J. I. C.; MARQUES, N. S. O Trabalho com Relatos de Emoções e Sentimentos na Clínica Analítico-Comportamental. In BORGES, N. B.; CASSAS, F. A. (Eds). **Clínica Analítico-Comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARONCELLI, L. Amor e Ciúme na Contemporaneidade: Reflexões Psicossociológicas. **Psicologia & Sociedade**, v 23, n 2, p. 163-170, 2001.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

BELO, R.P.; RAYMUNDO, J. S.; GOUVEIA, V. V.; ANDRADE, J.M.; QUEIROGA, F. **Ciúme Romântico: sua Relação com Gênero na Cidade de João Pessoa**. In: VI CCHLA - Conhecimento em Debate, 2002, João Pessoa, PB. Livro de resumos, 2002.

BENTLER, P. M.; CHOU, C. Practical Issues in Structural Modeling. **Sociological Methods & Research**, v 16, p. 78-117, 1987.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 119ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

BISHAY, N. R.; PETERSEN, N.; TARRIER, N. An Uncontrolled Study of Cognitive Therapy for Morbid Jealousy. **British Journal of Psychiatry**, v 154, p 386-389, 1989.

BRASIL. **Código Penal Comentado**. 13ª ed. São Paulo: Rideel, 2007.

_____. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. **Senado Federal: Subsecretaria de Informação**. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

BREITNER, B. C. C.; ANDERSON, D. N. The Organic and Psychological Antecedents of Delusional Jealousy in Old Age. **International Journal Of Geriatric Psychiatry**, v. 9, p 703-707, 1994.

BROWNE, M. W.; CUDECK, R. Alternative Ways of Assessing Model Fit. In BOLLEN, K. A.; LONG, J. S. (Eds.), **Testing Structural Equation Models**. Newbury Park: Sage, p.136-162, 1993.

BUENO, J. M. H.; CARVALHO, L. F. Um estudo de revisão do Inventário de Ciúme Romântico (ICR). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v 25, n 3, p. 435-444, 2012.

BUSS, D. M. *et al.* Sex Differences in Jealousy: Evolution, Physiology, and Psychology. **Psychological Science**, v 3, n 4, p. 251-255, 1992.

_____. **The dangerous passion: why jealous is as necessary as love and sex**. New York: Simon and Schuster, 2000.

_____.; HASELTON, M. The Evolution of Jealousy. **Trends in Cognitive Sciences**, v 9, n 11, p. 506-507, 2005.

BUUNK, B.; HUPKA, R. B. Cross-Cultural Differences in the Elicitation of Sexual Jealousy. **Journal of Sex Research**, v 23, n 1, p.12-22, 1987

_____ *et al.* Gender Differences in the Jealousy-Evoking Effect of Rival Characteristics:A Study in Spain and Argentina. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v 42, n 3, p. 323–339, 2011.

BYRNE, B. **Structural Equation Modeling with AMOS. Basic Concepts, Applications and Programming**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

CANGUILHEM, G. Novas Reflexões Sobre o Normal e o Patológico. In: **O normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

CARDOSO, D.S; DALCO, I.C; E BANDELI S. M. (2003). Ciúme e Inveja: A Presença da Sombra nos Relacionamentos. Disponível em:
<http://www.ipjbr.com/2003_2_jornada_7_mostra.pdf#page=101> Acesso em: 26.03.2012

CARVALHO, L.F., BUENO, J.M.H., KEBLERIS, F. Estudos Psicométricos Preliminares do Inventário de Ciúme Romântico – ICR. **Avaliação Psicológica**, v 7, n 3, p. 335-346, 2008.

CARVALHO-NETO, M. B.; TOURINHO, E.Z. Skinner e o Lugar das Variáveis Biológicas em uma Explicação Comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v 15, n. 1, p. 45-53, 1999.

CASSEP-BORGES, Vicente. **Amor e Construtos Relacionados: Evidências de Validade de Instrumentos no Brasil**. 2010. 158 f. (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CATTELL, R. The Scree Test for the Number of Factors. **Multivariate Behavioral Research**, v 1, p 245-276, 1966.

CLARK, L. A.; WATSON, D. Constructing Validity: Basic Issues in Objective Scale Development. **Psychological Assessment**, v 7, n 3, p.309-319, 1995.

COBB, J. P., MARKS, I. M. Morbid Jealousy Featuring as Obsessive–Compulsive Neurosis: Treatment by Behavioral Psychotherapy. **British Journal of Psychiatry**, v 134, p. 301–305, 1979.

COMREY, A.L.; LEE, H.B. **A First Course in Factor Analysis**. 2nd ed. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1992.

COSMIDES, L., TOOBY, J. Evolutionary Psychology and the Emotions. In LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J. M. (Eds.), **Handbook of emotions**. 2nd ed. NY: Guilford Press, 2000.

COSTA, N. Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v 2, n 1, p. 005-013, 2005.

COSTA, Maria de Nazaré Pereira da. **Busca de Definição Operacional de Ciúme: Uma Construção Teórica e Empírica**. 2009. 179 f. (Doutorado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2009.

_____; ROMARIZ, S. B. Ciúme: Uma Interpretação Analítico-Comportamental. **Acta Comportamental**, v 18, n 1, p. 135-149, 2010.

DALGALARRONDO, P. (Org). O Pensamento e Suas Alterações. In: **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DALY, M.; WILSON, M.; WEGHORST, S. J. Male Sexual Jealousy. **Ethology and Sociobiology**, v 3, p 11-27, 1982.

DARWICH, R. A.; TOURINHO, E. Z. Respostas Emocionais à Luz do Modo Causal de Seleção por Consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v VII, n 1, p. 107-118, 2005.

DEBRUINE, LM; KEMMELMEIER, M.; BURNSTEIN, E. Sexual Orientation and Jealousy: A Test of the Double Shot Hypothesis. **Human Behavior and Evolution Society in London**, UK, 2001.

DE SILVA, P. Jealousy in Couple Relationships: Nature, Assessment and Therapy. **Behaviour Research and Therap.**, v. 35, n 11, p. 973-985, 1997.

DESTENO, D. A.; SALOVEY, P. Evolutionary Origins of Sex Differences in Jealousy? Questioning the "Fitness" of the Model. **Psychological Science**, v 7, n 6, pp. 367-372, 1996.

_____. *et al.* Sex Differences in Jealousy: Evolutionary Mechanism or Artifact of Measurement? **Journal of Personality and Social Psychology**, v 83, n 5, p. 1103–1116, 2002.

_____; VALDESOLO, P.; BARTLETT, M.Y. Jealousy and the Threatened Self: Getting to the Heart of the Green-Eyed Monster. **Journal of Personality and Social Psychology**, v 91, n 4, p. 626 – 641, 2006.

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction with Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, v 49, 1985.

ELPHINSTON, R.A.; FEENEY, J.A.; NOLLER, P. Measuring Romantic Jealousy: Validation of the Multidimensional Jealousy Scale in Australian Samples. **Australian Journal of Psychology**, v 63, p. 243-251, 2011.

ELUF, L. N. **A Paixão no Banco dos Réus Casos Passionais Célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves**. 3ªed. São Paulo: Saraiva, 2007.

ENGEL, M.G. Paixão, Crime e Relações de Gênero. **Topoi**, n 1, p. 153-177. Rio de Janeiro, 2000.

FABRIGAR, L. R. *et al.* Evaluating the use of Exploratory Factor Analysis in Psychological Research. **Psychological Methods**, v 4, p. 272-299, 1999.

FAMUYIWA, O. O.; EKPO, M. The Othello Syndrome. **Journal of the National Medical Association**, v 75, n 2, p. 207-209, 1983.

FERREIRA, D. C. *et al.* A Interpretação de Cognições e Emoções com o Conceitos de Eventos Privados e a Abordagem Analítico-Comportamental da Ansiedade e da Depressão. **Revista Perspectivas**, v. 01, n. 02, pp. 70-85, 2010.

FERREIRA-SANTOS, E. **Ciúme: O Medo da Perda**. 3ª ed. São Paulo: Claridade, 2003.

_____. **Ciúme: O Lado Negro do Amor**. 3ª ed. São Paulo: Ágora, 2007.

FLEISCHMANN, A.A. *et al.* Tickling the Monster: Jealousy Induction in Relationships. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 22, n 1, p. 49-73, 2005.

FREUD, S. Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 18, p. 235-247). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1922).

GARSON, G. D. **PA 765 Statnotes: An Online Textbook**. Disponível em: from <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>. Acesso em: 30 de jan de 2013.

GOOGLE ACADÊMICO. Escala / Ciúme / Ciúme Romântico/ Instrumento / Questionário / Medida Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/>. Acesso em 31 de julho de 2012.

GOUVEIA, V. V. **La Naturaleza de los Valores Descriptores del Individualismo y del Colectivismo: Una Comparacion Intra e Intercultural**. 1998. (Doutorado em Psicologia) - Universidad Complutense de Madrid, Espanha, 1998.

_____. A Natureza Motivacional dos Valores Humanos: Evidencias Acerca de uma Nova Tipologia. **Estudos de Psicologia**, v 8, n 3, p. 431- 443, 2003.

GOSLING, S. D.; RENTFROW, P. J.; SWANN, W. B. JR. A Very Brief Measure of the Big-Five Personality Domains. **Journal of Research in Personality**, v 37, p. 504-528, 2003.

GRICE, J. W.; SEELY, E. The Evolution of Sex Differences in Jealousy: Failure to Replicate Previous Results. **Journal of Research in Personality**, v 34, p. 348–356, 2000.

GUERRA, V.M.; GOUVEIA, V.V. Liberalismo/Conservadorismo Sexual: Proposta de Uma Medida Multi-Fatorial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v 20, n 1, p. 43-53, 2007.

GUERRERO, L.K.; ANDERSEN, P.A. Jealousy Experience and Expression in Romantic Relationships. In ANDERSEN, P. A.; GUERRERO, L. K. (Eds.), **Handbook of Communication and Emotion: Research, Theory, Applications, and Contexts** (p. 155–188). San Diego, CA: Academic Press, 1998.

GUTTMAN, L. Some Necessary Conditions for Common Factor Analysis. **Psychometrika**, v 19, n 2, p 149-162, 1954.

HAIR JUNIOR, J. F. *et al.* **Análise Multivariada de Dados**. 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HANNON, R. *et al.* Revision and Reliability of a Measure of Sexual Attitudes. **Electronic Journal of Human Sexuality**, v 2, 1994.

HARRIS, C. R., CHRISTENFELD, N. Gender, Jealousy, And Reason. **Psychological Science**, v 7, n 6, p. 364-366, 1996.

_____. Psychophysiological Responses to Imagined Infidelity: the Specific Innate Modular View of Jealousy Reconsidered. **Journal of Personality and Social Psychology**, v 78, n 6, p. 1082-1091, 2000.

_____. Factors Associate with Jealousy Over Real and Imagined Infidelity: an Examination of the Social-Cognitive and Evolutionary Psychology Perspectives. **Psychology of Women Quarterly**, n 27, p. 319-329, 2003.

HART, S. L., LEGERSTEE, M. (Eds). **Handbook of Jealousy: Theory, Research, and Multidisciplinary Approaches**. Editora: Wley-blackwell, 2010.

HAYTON, J., ALLEN, D., SCARPELLO, V. Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: a Tutorial on Parallel Analysis. **Organizational Research Methods**, v 7, n 2, p 191-205, 2004.

HORN, J. A Rationale and Test for the Number of Factors in Factor Analysis. **Psychometrika**, v 30, n 2, p 179-185, 1965.

HU, L.T.; BENTLER, P. M. Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. **Structural Equation Modeling**, v 6, p. 1–55, 1999.

INDEX PSI. Escala / Ciúme / Ciúme Romântico/ Instrumento / Questionário / Medida Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br/>. Acesso em 31 de julho de 2012.

JÖRESKOG, K.G.; SÖRBOM, D. LISREL 7 User's Reference Guide. In **Scientific Software**, Mooresville, 1989.

KAISER, H. F. The Application of Electronic Computers to Factor Analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v 20, n 1, p 141-151, 1960.

KENNAIR, L. E. O. *et al.* S. Sex Differences in Jealousy: A Study from Norway. **Nordic Psychology**, v. 63, n 1, p. 20-34, 2011.

KINGHAM, M.; GORDON, H. Aspects of Morbid Jealousy. **Advances in Psychiatric Treatment**, v. 10, p. 207–215, 2004.

KNOBLOCH, L.K.; SOLOMON, D.H.; CRUZ, M.G. The Role of Relationship Development and Attachment in the Experience of Romantic Jealousy. **Personal Relationships**, v 8, p. 205-224, 2001.

KOZAK, M. J.; FOA, E. B. Obsessions, Overvalued Ideas, and Delusions in Obsessive-Compulsive Disorder. **Behaviour Research Therapy**, v 32, n 3, p. 343-353, 1994.

LAROS, J. A. O Uso da Análise Fatorial: Algumas Diretrizes para Pesquisadores. In: PAQUALI, L. (Org.) **Análise fatorial para pesquisadores**, 1ª ed. Brasília, DF: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida, 2005.

LUCAS, C.; PEREIRA, H.; ESGALHADO, G. Avaliação do Ciúme Romântico: Estudo Psicométrico da Escala Multidimensional do Ciúme para a População Portuguesa. **Psychology, Community & Half**, v 1, n 2, p. 151-162, 2012.

MARSH, H. W.; HAU, K. T.; WEN, Z. In Search of Golden Rules: Comment on Hypothesis-Testing Approaches to Setting Cutoff Values for Fit Indexes and Dangers in Overgeneralizing Findings. **Structural Equation Modeling**, v 11, p. 320-341, 2004.

MATHES, E. W.; SEVERA, N. Jealousy, Romantic Love, And Liking: Theoretical Considerations And Preliminary Scale Development. **Psychological Reports**, v 49, p. 23-31, 1981.

_____; ROTER, P. M.; JOERGER, S. M. A Convergent Validity Study of Six Jealousy Scales. **Psychological Reports**, v 50, p 1143-1147, 1982.

_____. A cognitive theory of jealousy. In: SALOVEY, Peter. (Eds), **The psychology of jealousy and envy** (p. 52-78). New York: Guilford Press, 1991.

MATTINGLY, B.A.; WHITSON, D.; MATTINGLY, M.J.B. Development of the Romantic Jealousy-Induction Scale and the Motives for Inducing Romantic Jealousy Scale. **Curr Psychol**, v 31, p. 263 – 281, 2012.

MAZUR, R. Beyond Jealousy and Possessiveness. In CLANTON, G.; SMITH, L. G. (eds). **Jealousy**, p 181-187. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc, 1977.

MAZZUCHELL, C. G.; FERREIRA, K. R. O. Crime passional: quando a paixão aperta o gatilho. **Encontro de Iniciação Científica**, v. 3, n3, 2007.

MICHAEL, A. *et al.* Morbid Jealousy in Alcoholism. **British Journal of Psychiatry**, v. 167, p. 668–672, 1975.

MONTEIRO, Aline Maciel. **A Percepção do Ciúme no Processo de Escolha de Parceiros: Uma Perspectiva Evolucionista**. 2006. 57f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

MULLEN, P. E. Morbid Jealousy and the Delusion of Infidelity. In BLUGALSS, R; BOWDEN, P. (Eds) **Principles and Practice of Forensic Psychiatry**, pp. 823–834. London: Churchill Livingstone, 1990.

_____. Jealousy: The Pathology of Passion. **British Journal of Psychiatry**, v 158, p 593–601, 1991.

_____; MARTIN, J. Jealousy: A Community Study. **British Journal of Psychiatry**, v 164, p 35-43, 1994.

NUNNALLY, J. C. **Teoría Psicométrica**. México, DF: Trillas, 1991.

_____; BERNSTEIN, I. **Psychometric Theory** 3rd ed. New York, NY: McGraw Hill, 1994.

NUNES, Lauane Baroncelli. **O Ciúme nas Relações Amorosas Contemporâneas**. 2006. 146 f. Dissertação. (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 7.ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

PARROTT, W. Gerrod. The Emotional Experiences of Envy and Jealousy. In . SALOVEY, Peter (Ed). **The Psychology of Jealousy and Envy** (p. 3–30). New York: Guilford Press, 1991.

PASQUALI, L (Org.) **Técnicas de Exame Psicológico – TEP**. Manual. Vol. I: Fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo / CFP, 2001.

_____. A Medida Psicométrica. In: **Psicometria Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PFEIFFER, S.M.; WONG, P.T.P. Multidimensional Jealousy. **Journal of Social and Personal Relationships**, v 6, p. 181-196, 1989.

PINES, A; ARONSON, E. Antecedents, Correlates and Consequences. **Journal of Personality**, v. 51, p. 108-136, 1983.

RAMOS, A.L.M.; YAZAWA, S.A.; SALAZAR, A.F. Desenvolvimento de uma Escala de Ciúme Romântico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v 10, n 3, p. 439 – 451, 1994.

RAMOS, A. L. M. **Ciúme Romântico: Teoria e Medida Psicológicas**. São Paulo: Stiliano, 2000.

REISE, S.; WALLER, N.; COMREY, A. Factor Analysis and Scale Revision. **Psychological Assessment**, v 12, n 3, p 287-297, 2000.

SAGARIN, B.J. *et al.* A Sex Differences (and similarities) in Jealousy: the moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. **Evolution and Human Behavior**, n 24, p. 17-23, 2003.

SALOVEY, P.; ROTHMAN, A. Envy and Jealousy: Self and Society. In: SALOVEY, P. (Ed.), **The Psychology of Jealousy and Envy** (p. 271-186). New York: Guilford Press, 1991.

SANT'ANNA, H. H. N. Os Estados Subjetivos no Behaviorismo Radical. In: COSTA, CARLOS E.; LUZIA, JOSIANE C. (Org). **Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição**. Vol 1, Santo André: Esetec: Editores Associados, 2003.

SHARPSTEEN, D.J.; KIRKPATRICK, L.A. Romantic Jealousy and Adult Romantic Attachment. **Journal of Personality and Social Psychology**, v 72, n. 3, p. 627-640, 1997.

SHEPHERD, M. Morbid Jealousy: Some Clinical and Social Aspects of a Psychiatric Symptom. **The British Journal of Psychiatric**, v 107, p 687-753, 1961.

SKINNER, B. F. Selections by Consequences. **Science**, v 213, n 31, 1981.

_____. **Ciência e Comportamento Humano**. 11 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. **Sobre o Behaviorsimo**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. (Trabalho original publicado em 1974).

SOUTHARD, A.; ABEL, M.C. Sex Differences in Romantic Jealousy: Evaluating Past and Present Relationship Experience. **American Journal of Psychological Research**, v 6, n 1, p. 41-49, 2010.

STERNBERG, R, J. A Triangular Theory of Love. **Psychological Review**, v 93, n 2, p 119-135, 1986.

SVIATOPOLK-MIRSKY, V. V.; JURBERG, P.; JURBERG, M. B. Ciúme Romântico: Evolucionismo e Aprendizagem Social. **Scientia Sexualis**, v 8, n 2, p. 65-88, 2002.

TABACHNICK, B.; FIDELL, L. **Using Multivariate Statistics**. Nova York: Allyn & Bacon, 2001.

THEISS, J. A.; SOLOMON, D. H. Coupling Longitudinal Data and Multilevel Modeling... **Human Communication Research**, v 32, p. 469-503, 2006.

THOMAZ, C. R. C. Episódios Emocionais como Interações entre Operantes e Respondentes. In: BORGES, N. B., CASSAS, F. A. (Org). **Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos Teóricos e Práticos**, Porto Alegre: Artmed, 2012.

TORRES, A.R; RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A.; DIAS, R. S.. O Ciúme Enquanto Sintoma do Transtorno Obsessivo-Compulsivo. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v 21, n 3, Sept. 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 abr. 2012.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000300008>.

TIPTON, R. M. *et al.* Development of a Scale for Assessment of Jealousy. **Psychological Reports**, v 42, p 1217-1218, 1978.

VAN DE VIJVER, F. J. R.; LEUNG, K. **Methods and Data Analysis for Cross-Cultural Research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997.

WADE, J. T.; FOWLER, K. Sex Differences in Responses to Sexual and Emotional Infidelity: Considerations of Rival Attractiveness and Financial Status. **Journal of Cultural and Evolutionary Psychology**, v 4, n 1, p. 37–50, 2006.

_____; KELLEY, R.; CHURCH, D. Are There Sex Differences in Reaction to Different Types of Sexual Infidelity? **Psychology**, v 3, n 2, p. 161-164, 2012.

WHITE, G.L. Inducing Jealousy: a Power Perspective. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v 6, n 2, p. 222 – 227, 1980.

_____. Jealousy and Partner's Perceived Motives for Attraction to a Rival. *Social Psychology Quarterly*, v 44, p. 24-30. 1981(a)

_____. Relative Involvement, Inadequacy, and Jealousy: A Test of a Causal Model. **Alternative Lifestyles**, v 4 n 3, p. 291-309, 1981. (b)

_____. A Model of Romantic Jealousy. **Motivation and Emotion**, v 5, p. 295–310, 1981. (c)

_____. Some Correlates of Romantic Jealousy. **Journal of Personality**, v 49, n 2, June, 1981. (d)

_____. Comparison of Four Jealousy Scales. **Journal of Research in Personality**, v 18, p. 115-130, 1984.

WIEDERMAN, M. W.; ALLGEIER, E. R. Gender Differences in Sexual Jealousy: Adaptionist or Social Learning Explanation? **Ethology and Sociobiology**, v 14, p. 115-140, 1993.

_____; KENDALL, E. Evolution, Sex and Jealousy: Investigation with a Sample from Sweden. **Evolution and Human Behavior**, v 20, n 2, p. 121-128, 1999.

YELA, C. The Evaluation of Love Simplified Version of the Scales for Yela's Tetragonal Model Based on Sternberg's Model. **European Journal of Psychological Assessment**, v 22, n 1, p 21-27, 2006.

ANEXOS

ANEXO I – ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO – ECR

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com 24 afirmações com as quais poderá ou não estar de acordo. Pedimos-lhe, por favor, que leia todas com atenção. Elas podem ser aplicadas a homens e mulheres, cabendo a você responder de acordo com seu sexo. Para respondê-las, leve em consideração o relacionamento no qual está envolvido, que já teve ou que deseja ter. Indique ao lado de cada afirmação o seu grau de acordo ou desacordo, utilizando a escala de resposta a seguir:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ___ Não há problema algum em encontrar uma foto de outro(a) homem(mulher) na carteira dela(dele).
02. ___ Não tem nada de mal ela(ele) ir à festa sozinha(o).
03. ___ É perfeitamente normal ela(ele) elogiar um(a) amigo(a) seu (sua).
04. ___ Fico furioso(a) quando ela(ele) conversa com um(a) amigo(a) que acha bonito(a).
05. ___ Você ligar para ela(ele) e uma voz masculina(feminina) não-familiar atender, causa-lhe raiva.
06. ___ É natural ela(ele) ter muitos(as) amigos(as).
07. ___ É aceitável ela(ele) aparecer com um perfume estranho na blusa.
08. ___ Não tem nada de mal ela(ele) freqüentar a casa de um(a) antigo(a) namorado(a).
09. ___ Pouco importa, ela(ele) receber presentes de um(a) amigo(a).
10. ___ É perfeitamente normal ela(ele) conversar longamente com um(a) amigo(a).
11. ___ Não há nada de errado preferir fazer um passeio com os(as) amigos(as) a ficar com você.
12. ___ Ela(ele) ficar trancada(o) no quarto com um(uma) amigo(a) lhe causa desconfiança.
13. ___ Provoca irritação amigos(as) falarem dela(dele) com entusiasmo.
14. ___ É aceitável ela(ele) fazer elogios a outro(a) homem(mulher) na sua frente.
15. ___ Não tem nada demais seus(suas) amigos(amigas) freqüentarem a casa dela (dele).
16. ___ Você fica furioso(a) se ela(ele) começa a dançar com um(a) amigo(a) seu(sua) numa festa.
17. ___ É muito chato encontrar um grande número de telefones de homens(mulheres) na agenda dela (dele).
18. ___ Causa-lhe incômodo ela(ele) se arrumar demais para sair sem você.
19. ___ Encontrar um isqueiro no bolso dela(dele), sabendo que ela(ele) não fuma, o(a) deixa indignado(a).
20. ___ É aceitável ela(ele) sonhar com outro(a).
21. ___ É natural ela(ele) passar algumas horas ouvindo músicas na casa de um(a) amigo(a).
22. ___ É indecente ela(ele) dar olhadas para outros(as) homens(mulheres) em uma festa.
23. ___ É tolerável ela(ele) ficar de papo com alguém.
24. ___ Ela(ele) trabalhar num ambiente onde há predominância de homens(mulheres) lhe incomoda.

ANEXO II – QUESTIONÁRIO DE VALORES BÁSICOS

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique com um número no espaço ao lado de cada valor o grau de importância que este tem como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01. ___ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
02. ___ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ___ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
04. ___ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ___ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ___ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ___ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ___ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ___ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10. ___ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ___ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ___ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
13. ___ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. ___ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.
15. ___ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ___ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ___ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ___ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

ANEXO III – ESCALA TETRANGULAR DO AMOR

Leia as afirmações a seguir e, de acordo com a escala de resposta abaixo, escreva um número em cada espaço que as antecede com o fim de expressar em que medida elas descrevem seu relacionamento. O espaço em branco em cada frase **não deve ser preenchido**; apenas mentalize como se estivesse escrito o nome de seu (sua) parceiro (a): namorado (a), noivo (a), esposo (a) ou companheiro (a). Caso não tenha parceiro atualmente, pense em seu último relacionamento.

1	2	3	4	5
Não me descreve nada	Me descreve um pouco	Me descreve mais ou menos	Me descreve bastante	Me descreve totalmente

01. ____ Recebo considerável apoio emocional de ____.
02. ____ Espero amar ____ por toda a vida.
03. ____ Tão logo eu esteja com ____ a felicidade será inevitável.
04. ____ Minha relação com ____ é muito romântica.
05. ____ Me pego pensando freqüentemente em ____ durante o dia.
06. ____ Considero minha relação com ____ como permanente (duradoura).
07. ____ Só o fato de ver ____ me excita.
08. ____ Estou certo (a) do meu amor por ____.
09. ____ Sinto que meu corpo reage quando ____ me toca.
10. ____ Existe algo quase mágico em minha relação com ____.
11. ____ Quando vejo filmes românticos e leio livros românticos penso em ____ .
12. ____ Me comunico bem com ____.
13. ____ Basta uma carícia de ____ para despertar meu desejo.
14. ____ Sinto que realmente compreendo ____.
15. ____ Considero firme meu compromisso com ____.
16. ____ Me entendo bem com ____.
17. ____ Fico muito excitado (a) sexualmente quando beijo ____.
18. ____ Sinto que ____ realmente me compreende.
19. ____ Algumas vezes meu corpo treme de excitação ao ver ____.
20. ____ Pretendo continuar minha relação com ____.

ANEXO IV – ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA

Você encontrará cinco afirmações com as quais pode ou não concordar. Usando a escala de resposta abaixo, que vai de **1** a **7**, indique o quanto concorda ou discorda com cada uma; marque um número no espaço ao lado da afirmação, segundo sua opinião. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível nas suas respostas.

1 = Discordo Totalmente

5 = Concordo Ligeiramente

2 = Discordo

6 = Concordo

3 = Discordo Ligeiramente

7 = Concordo Totalmente

4 = Nem Concordo Nem Discordo

01. _____ Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.

02. _____ As condições da minha vida são excelentes.

03. _____ Estou satisfeito (a) com minha vida.

04. _____ Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.

05. _____ Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida

ANEXO V – QUESTIONÁRIO DE LIBERALISMO E CONSERVADORISMO SOCIAL

A seguir, você encontrará uma série de afirmações nas quais você deverá responder em que medida concorda com cada uma delas no que diz respeito ao comportamento e personalidade das pessoas do sexo oposto ao seu (para homens, mulheres e para as mulheres, homens). Procure responder a todas, colocando o número que representa sua escolha nos espaços em branco, ao lado de cada questão, utilizando a escala abaixo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ____ É aceitável que as pessoas do sexo oposto usem objetos eróticos (revistas, filmes, livros) como uma forma pessoal de estimulação sexual.
02. ____ É aceitável que pessoas solteiras do sexo oposto pratiquem a masturbação como uma forma de expressão sexual.
03. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto utilizem pornografia para melhorar seus relacionamentos sexuais.
04. ____ As pessoas do sexo oposto não deveriam utilizar pornografia porque é prejudicial.
05. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto concordem que pessoas do mesmo sexo se insinuem para elas.
06. ____ Para as pessoas do sexo oposto, manter relações sexuais antes do casamento não é aceitável.
07. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto utilizem pornografia com seus(suas) parceiros(as) para aprender novas técnicas sexuais.
08. ____ Acredito que pessoas do sexo oposto praticariam sexo mais frequentemente se assistissem pornografia.
09. ____ É aceitável que uma pessoa do sexo oposto mantenha relações sexuais com um(a) parceiro(a) do mesmo sexo.
10. ____ Mesmo casadas, pessoas do sexo oposto podem praticar a masturbação como uma forma de expressarem-se sexualmente.
11. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto sintam-se atraídos por pessoas do mesmo sexo.
12. ____ É aceitável que uma pessoa do sexo oposto mantenha relações sexuais com seu(sua) noivo(a) antes do casamento.
13. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto utilizem a masturbação como uma expressão sexual quando não estão envolvidas com um(a) parceiro(a).
14. ____ É aceitável que pessoas do sexo oposto troquem carícias com pessoas do mesmo sexo.
15. ____ Manter relações sexuais antes do casamento vai proporcionar às pessoas do sexo oposto um maior conhecimento do seu relacionamento com seu(sua) companheiro(a).
16. ____ Manter relações sexuais antes do casamento vai proporcionar às pessoas do sexo oposto um maior conhecimento do seu corpo.

ANEXO VI – QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

Para finalizar, gostaríamos de obter algumas informações sobre você. Não pretendemos identificá-lo (a), por isso não assine ou coloque o seu nome. Estas informações unicamente descrevem as participantes deste estudo.

1. Idade: _____ anos.
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Qual a sua orientação sexual:
() Heterossexual () Homossexual () Bissexual
4. Você atualmente está...
() Casado(a) (ou convivendo com uma pessoa). Há quanto tempo? _____ano(s)_____ meses
() Namorando firme. Há quanto tempo? _____ano(s)_____ meses
() Solteiro (a)
5. Tem filhos? () Não () Sim. Quantos? _____
6. Religião:
() Católica () Evangélica () Espírita
() Nenhuma () Outra: _____
7. Em que medida você se considera religioso (a)? **Nada 0 1 2 3 4 Muito**
8. Com que frequência você vai às reuniões da sua religião?
Nunca 0 1 2 3 4 5 6 7 Sempre
9. Qual a sua escolaridade?
() Ensino fundamental completo
() Ensino fundamental incompleto
() Ensino médio completo
() Ensino médio incompleto
() Ensino superior completo. Qual o curso? _____
() Ensino superior incompleto. Qual o curso? _____
10. Você já traiu seu parceiro(a) atual? () Sim () Não () Não tenho parceiro
11. Você já traiu algum parceiro(a), antes de namorar o atual? () Sim () Não
12. Você já foi traído(a) por seu parceiro(a) atual? () Sim () Não () Não tenho parceiro
13. Você já foi traído(a) por algum parceiro(a), antes de namorar o atual? () Sim () Não
14. Em que cidade você nasceu? _____/Estado _____
15. Há quanto tempo mora em Fortaleza? _____ano(s)_____ meses

ANEXO VII – ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICA VERSÃO REDUZIDA

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com 24 afirmações com as quais poderá ou não estar de acordo. Pedimos-lhe, por favor, que leia todas com atenção. Elas podem ser aplicadas a homens e mulheres, cabendo a você responder de acordo com seu sexo. Para respondê-las, leve em consideração o relacionamento no qual está envolvido, que já teve ou que deseja ter. Indique ao lado de cada afirmação o seu grau de acordo ou desacordo, utilizando a escala de resposta a seguir:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ___ Não tem nada de mal ela(ele) ir à festa sozinha(o).
02. ___ É perfeitamente normal ela(ele) elogiar um(a) amigo(a) seu (sua).
03. ___ Fico furioso(a) quando ela(ele) conversa com um(a) amigo(a) que acha bonito(a).
04. ___ É natural ela(ele) ter muitos(as) amigos(as).
05. ___ Pouco importa, ela(ele) receber presentes de um(a) amigo(a).
06. ___ É perfeitamente normal ela(ele) conversar longamente com um(a) amigo(a).
07. ___ Provoca irritação amigos(as) falarem dela(dele) com entusiasmo.
08. ___ É aceitável ela(ele) fazer elogios a outro(a) homem(mulher) na sua frente.
09. ___ Não tem nada demais seus(suas) amigos(amigas) freqüentarem a casa dela (dele).
10. ___ Você fica furioso(a) se ela(ele) começa a dançar com um(a) amigo(a) seu(sua) numa festa.
11. ___ É muito chato encontrar um grande número de telefones de homens(mulheres) na agenda dela (dele).
12. ___ Causa-lhe incômodo ela(ele) se arrumar demais para sair sem você.
13. ___ Encontrar um isqueiro no bolso dela(dele), sabendo que ela(ele) não fuma, o(a) deixa indignado(a).
14. ___ É natural ela(ele) passar algumas horas ouvindo músicas na casa de um(a) amigo(a).
15. ___ É indecente ela(ele) dar olhadas para outros(as) homens(mulheres) em uma festa.
16. ___ É tolerável ela(ele) ficar de papo com alguém.
17. ___ Ela(ele) trabalhar num ambiente onde há predominância de homens(mulheres) lhe incomoda.